



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB**  
**FACULDADE UNB PLANALTINA - FUP**

**SINARA DOS ANJOS OLIVEIRA**

**PERCEPÇÃO SOCIOAMBIENTAL: O RIO CORRENTE NO IMAGINÁRIO DE  
RIBEIRINHOS, ALVORADA DO NORTE - GOIÁS**

**PLANALTINA - DF**

**2017**

SINARA DOS ANJOS OLIVEIRA

**PERCEPÇÃO SOCIOAMBIENTAL: O RIO CORRENTE NO IMAGINÁRIO DE  
RIBEIRINHOS, ALVORADA DO NORTE - GOIÁS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Gestão  
Ambiental, como requisito parcial  
à obtenção do título de bacharel  
em Gestão Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Irineu  
Tamaio

PLANALTINA – DF

2017

## FICHA CATALOGRÁFICA

OLIVEIRA, Sinara dos Anjos

Percepção Socioambiental: o rio Corrente no imaginário de ribeirinhos, Alvorada do Norte - Goiás / Sinara dos Anjos Oliveira. Planaltina – DF. 2017. 73 f.

Monografia – Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília

Curso de bacharelado em Gestão Ambiental

Orientador: Prof. Dr. Irineu Tamaio

1 Topofilia. 2 Pertencimento. 3 Biorregionalismo. 4 Alvorada do Norte. 5 Comunidade rural. I Oliveira, Sinara dos Anjos. II Título

SINARA DOS ANJOS OLIVEIRA

**PERCEPÇÃO SOCIOAMBIENTAL: O RIO CORRENTE NO IMAGINÁRIO DE  
RIBEIRINHOS, ALVORADA DO NORTE - GOIÁS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Gestão Ambiental da Faculdade UnB Planaltina, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Gestão Ambiental.

Banca examinadora:

Planaltina – DF,        de        de 2017

---

Profº. Dr. Irineu Tamaio

Universidade de Brasília

---

Profº Dr Philippe Pomier Layrargues

Universidade de Brasília

---

Profª Drª. Regina Coelly Fernandes Saraiva

Universidade de Brasília

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a *Deus* pelo dom da vida, pela oportunidade de ter uma caminhada de estudos completa, pela força e sabedoria durante todo esse tempo. Agradeço por estar ao meu lado sempre nos momentos em que eu me encontrava “sozinha”, às 10 da noite, esperando o ônibus para voltar para casa. Sei que no fundo eu não estava sozinha, pois sentia a Vossa presença comigo. Obrigada, Senhor.

Agradeço também aos meus pais, *Eliane Oliveira* e *Sérgio Antônio*, por terem oferecido a mim uma educação exemplar, por sempre me incentivarem e me ajudarem em tudo. À minha mãe, meu muito obrigada por todas as vezes que dedicou seu tempo para me ajudar nas minhas atividades, por me incentivar a participar das viagens. Ao meu pai, meu muito obrigada por todas as vezes que levou-me até a faculdade, quando eu não tinha meios de ir, e esperou pacientemente até que a aula acabasse para voltar para a casa. Obrigada, amo vocês.

Sou eternamente grata também à minha avó, *Maria Sérgia*, que sempre me ajudou em tudo, do começo ao fim, sempre se importou comigo e não media esforços para me ajudar.

Meus agradecimentos especiais também vão para meu tio *Régis Oliveira* e minha tia *Alessandra Werneck*, que foram responsáveis pelo meu começo da caminhada na vida universitária, meus grandes incentivadores nos estudos. Sem o empurrão e ajuda deles, eu não teria conseguido ingressar em uma universidade pública. Serei eternamente grata por tudo que fizeram por mim.

Agradeço ao meu tio *Odenídio Júnior*, que sempre me incentivou muito também, apostando na minha carreira na área ambiental, e colaborando com o que eu precisasse sempre.

Tio *Vicente Alves* e tia *Lúcia Santos* também, que mesmo de longe, tiveram participação para que eu pudesse alcançar minha formação acadêmica. Meu muito obrigada a vocês.

Aos meus professores, minha eterna gratidão, especialmente ao meu orientador e professor *Irineu Tamaio*, que despertou em mim a vontade de me aprofundar no tema da percepção ambiental, e assim fez com que eu pudesse realizar um estudo na cidade onde cresci. Obrigada pelo apoio, paciência, dedicação, competência e confiança.

À minha colega *Thaís Cosmo*, obrigada por todas as caronas para a aula, sem dúvidas tiveram grande importância nessa minha jornada.

Aos meus irmãos, *Letícia Oliveira* e *Sérgio Júnior*, obrigada por fazerem parte do meu bem estar nos momentos em que eu precisava de diversão, companhia e distração.

Meus “filhos de quatro patas”, obrigada por toda lealdade, amor e companheirismo.

Aos amigos que fiz durante essa longa caminhada, mesmo que não tenhamos chegado ao fim todos juntos, cada um tomou seu rumo no decorrer desses anos. Obrigada pelos momentos incríveis, engraçados e divertidos que vivemos.

Agradeço a todos os funcionários da FUP, que de alguma maneira contribuíram, mesmo que indiretamente, para que eu pudesse concluir minha formação.

Meu agradecimento especial aos moradores da comunidade rural Três Rios, que enriqueceram grandiosamente meu trabalho, me receberam bem em suas casas com toda humildade e atenção, e com certeza levarei para sempre na memória cada relato.

Por fim, agradeço a todos que colaboraram para que este trabalho pudesse ser realizado, aos entrevistados, a quem me disponibilizou fotos e documentos e a quem me ajudou com indicação de pessoas influentes.

Obrigada a todos.

## RESUMO

A percepção ambiental é elemento de grande importância para a tomada de consciência ecológica. Cada grupo ou cada indivíduo percebe e sente de maneira diferente o meio em que está inserido, pois cada qual tem sua maneira de viver, sua visão, suas crenças, paradigmas, suas tradições e culturas, e tudo isso influencia no modo de sentir o meio ambiente. Busca-se notar a percepção ambiental de determinada comunidade através de relatos, histórias de vida e do imaginário da população, pois uma sociedade constrói sua relação com a natureza a partir desses aspectos. Este trabalho visa pensar um determinado aspecto da crise socioambiental no rio Corrente, que se encontra em estado avançado de assoreamento, e que banha a comunidade rural Três Rios e o município de Alvorada do Norte, ambos localizados no Estado de Goiás. Esta pesquisa buscou analisar a percepção socioambiental dos moradores dessa região em relação ao meio ambiente, trabalhando com aspectos topofílicos, biorregionais e sentimento de pertencimento, baseando-se em obras de autores como Melazo (2005); Sato (2005) e Tuan (1980) para compor o referencial teórico. Foi citado rapidamente o histórico da região do Nordeste goiano, onde está inserido o campo da pesquisa, e a história da formação da cidade de Alvorada do Norte, destacando personagens históricos importantes, e se baseando em obras de autores regionais, tendo como principais Vieira (2015) e Sousa (2005). A metodologia se baseou em uma entrevista com doze (12) moradores com um roteiro pré-elaborado. O sentimento topofílico e a percepção socioambiental foram notados com mais sensibilidade nos ribeirinhos da comunidade rural Três Rios, fato que pode ser justificado pela vivência mais íntima e próxima com o rio Corrente, pois a maioria desses moradores nasceu e foi criada bem próxima ao rio e vive lá até hoje, sendo assim enxerga o rio e a comunidade como um lugar, porque lhe atribui valor afetivo. Diante de tal realidade rural, nota-se uma visão divergente dos moradores da área urbana, que não mostraram tanto afeto em relação ao rio Corrente e ao município, podendo dizer que a localidade para esses é um espaço, faltando-lhe atribuir valor emocional. Assim, essa pesquisa contribui para pensarmos numa Gestão Ambiental que esteja mais próximo do mundo-vida e que não vá para o campo apenas com o propósito de ajustar àquela realidade às suas leis, teorias e modelos.

**Palavras chave:** Topofilia, Pertencimento, Biorregionalismo, Alvorada do Norte, Comunidade rural

## ABSTRACT

Environmental awareness is very important element for making ecological awareness. Each group or each individual perceives and feels differently about the environment into which it is inserted, because each one has your way of life, your vision, your beliefs, paradigms, their traditions and cultures, and all this influences in feel the environment. Search-if you notice the environmental perception of particular community through stories, life stories and the imagination of the population, as a society build your relationship with nature from these aspects. This work aims to reflect a particular aspect of social and environmental crisis in the Corrente river, which is in advanced stages of silting, and bathing the rural community Três Rios and the municipality of Alvorada do Norte, both located in the State of Goiás. This research sought to analyze social and environmental awareness of residents of that region with regard to the environment, working with toponymic aspects, bioregional and feeling of belonging, based on works by such authors as Melazo (2005); SATO (2005) and Tuan (1980) to compose the theoretical framework. The history of the quick was named Northeast region Ganesan, where is the field of research, and the history of the formation of the town of Alvorada do Norte, highlighting important historical characters, and based on works by regional authors, having as main Vieira (2015) and Sousa (2005). The methodology was based on an interview with twelve (12) residents with a pre-drawn itinerary. The feeling toponymic and social and environmental awareness were noted with more sensitivity in the residents of the rural community Três Rios, a fact that can be justified by the experience more intimate and close with the river Corrente, since most of these residents was born and raised near the river and lives there to this day, so see the river and the community as a place because it assigns affective value. Faced with this reality, it shows an inconsistent view of the residents of the urban area, which didn't show much affection towards the river Corrente and the municipality, and can say that the locale for these is a space, missing you assign emotional value. Thus, this research contributes to think in environmental management that is closest to the world-life and don't go to the field only to adjust to that reality to its laws, theories and models.

**Key words:** Topophilia, Belonging, Bioregionalism, Alvorada do Norte, rural community



## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Item</b>	<b>Descrição</b>	<b>Pág.</b>
<b>Figura 1</b>	<b>A cidade de Alvorada do Norte, Serra Geral e rio Corrente</b>	<b>20</b>
<b>Figura 2</b>	<b>Imagem da réplica do Cristo Redentor que há em cima da Serra Geral</b>	<b>21</b>
<b>Figura 3</b>	<b>O rio Corrente em Alvorada do Norte – Goiás</b>	<b>23</b>
<b>Figura 4</b>	<b>A divisa da área política do município de Alvorada do Norte</b>	<b>36</b>
<b>Figura 5</b>	<b>Imagem aérea de parte do rio Corrente, em Alvorada do Norte</b>	<b>47</b>
<b>Figura 6</b>	<b>Igreja Nossa Senhora da Guia e Praça Matriz</b>	<b>47</b>
<b>Figura 7</b>	<b>Detalhes das casas dos moradores mais antigos, ressaltando a simplicidade</b>	<b>47</b>
<b>Figura 8</b>	<b>Quintal típico da zona rural, com árvores frutíferas e animais soltos</b>	<b>48</b>
<b>Figura 9</b>	<b>Imagem meramente ilustrativa do Nego d'água (lenda local)</b>	<b>48</b>
<b>Figura 10</b>	<b>Trecho da estrada que leva à comunidade rural Três Rios: contraste entre Cerrado nativo e lavoura</b>	<b>63</b>

## **TABELAS**

<b>Item</b>	<b>Descrição</b>	<b>Pág.</b>
<b>Tabela 1</b>	<b>Amostra de grupos entrevistados</b>	<b>40</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1. VALE DO PARANÁ E CHAPADA DOS VEADEIROS .....</b>	<b>17</b>
1.1 Breve histórico .....	17
1.2 O bioma presente na região: o Cerrado .....	18
1.3 Alvorada do Norte: uma nova população à beira da BR 020.....	20
1.4 O rio Corrente cortando o íngreme sertão .....	22
1.5 “Da febre dos machados motorizados” aos pivôs de irrigação: a destruição ambiental local .....	25
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO .....</b>	<b>28</b>
2.1 O estudo da Percepção Ambiental .....	28
2.2 O estudo do Biorregionalismo .....	29
2.3 O estudo do Pertencimento .....	31
2.4 O estudo da Topofilia .....	32
2.4.1 O espaço no sentido topofílico .....	33
2.4.2 O lugar no sentido topofílico .....	34
2.5 Campo de pesquisa.....	35
2.5.1 Descrevendo o município de Alvorada do Norte .....	35
2.5.1.1 Os saberes do povo alvoradense .....	36
2.6 Escolhas Metodológicas .....	39
<b>3. ANÁLISE E DISCUSSÕES .....</b>	<b>44</b>
3.1 A percepção socioambiental dos moradores .....	45
3.2 Lendas e causos no mosaico biorregional de Alvorada do Norte .....	46
3.3 Sentimentos topofílicos sob o olhar dos moradores urbanos e dos rurais .....	51
3.4 O sentimento de pertencimento .....	55

3.5 O rio Corrente na vida dos moradores da comunidade rural Três Rios e da cidade de Alvorada do Norte .....	56
3.5.1 “Tá puxando muita água do rio”: o conflito pelo uso da água .....	60
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>67</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>70</b>
Anexo 1: Modelo de autorização .....	71
Anexo 2: Modelo de convite à participação .....	72
Anexo 3: Roteiro de entrevista .....	73

## INTRODUÇÃO

Constantemente o ser humano está agindo sobre o meio ambiente com a finalidade de suprir suas necessidades básicas de sobrevivência. As ações humanas, sejam das mais simples às mais complexas, causam impactos no ecossistema. O espaço que o homem ocupa no planeta parece nunca ser suficiente, é como se tivesse sempre a necessidade de produzir mais, utilizar cada vez mais recursos naturais, desmatar mais para ganhar espaço para as cidades, e a população cresce, e com ela cresce o aumento da produção de lixo e resíduos, e cresce a degradação, a poluição, o assoreamento dos rios, as queimadas, a perda da identidade histórica local e tantos outros problemas que acabam afetando a relação ser humano-natureza.

Ao longo de toda a história o mercado econômico mundial sempre rompeu barreiras, e muitas delas foram marcadas por revoluções e eventos históricos. A inovação tecnológica foi um dos principais fatores que contribuíram para esse avanço mercantil, pois facilitou a interação entre os países no aumento de fluxos de investimentos, financeiros e comerciais. Além disso, com o avanço da tecnologia, ficou muito mais fácil as pessoas se deslocarem de um lugar a outro, aumentaram as migrações, as pessoas iam em busca de melhoria da qualidade de vida, mas nem sempre era isso que encontravam ao chegar aos grandes centros urbanos.

Houve épocas em que os fluxos migratórios eram muito intensos, fazendo com que as cidades ficassem superlotadas, causando problemas de moradia, falta de saneamento básico e condições adequadas para sobreviver, falta de alimento, entre vários outros problemas. Segundo dados divulgados pelo site O Globo, a ONU (Organização das Nações Unidas) apresentou um relatório intitulado “Perspectivas da população mundial: A revisão de 2015”, onde diz que a população mundial irá crescer 53% nos próximos anos, alcançando a marca de 11,2 bilhões de pessoas em 2.100. (O Globo, 2016). Ainda de acordo com a ONU, essa explosão demográfica afeta não só a falta de espaço nos centros urbanos, mas também outros problemas socioambientais.

“Esta expansão rápida e contínua da impressão humana num planeta que parece cada vez menor tem sérias implicações em quase todos os aspectos da vida. Questões estas que dizem respeito à saúde e ao envelhecimento, à migração em massa e à urbanização, à demanda por habitação, ao abastecimento inadequado de alimentos, ao acesso à água potável, entre outras”. (Organização das Nações Unidas, 2016)

O planeta Terra é finito, e a maioria de seus recursos naturais também, portanto, a ideia de desenvolvimento infinito é incompatível com a realidade. Além de a demanda estar crescendo junto com a população, o modo de pensar das pessoas mudou muito, visto que o consumismo hoje é quem fala mais alto. O modelo de desenvolvimento econômico atual é baseado no consumo desenfreado, nas propagandas e ofertas tentadoras, criado para visar somente o lucro, alimentado pela concorrência entre as empresas, sem dar um tempo para os ecossistemas se recuperarem e se regenerar a fim de que seus recursos naturais continuem sendo explorados e utilizados. Em decorrência disso tudo, surgem todos os problemas citados no primeiro parágrafo deste trabalho, o que mostra a importância de recuperar esse modelo de relação entre ser humano e a natureza.

As discussões sobre a problemática ambiental não são simples, pois além da principal questão que aborda – a crise ambiental – também tem o lado social e econômico, e expõe interesses de grupos sociais diferentes, cada qual com sua visão de mundo, modo de viver, paradigmas, crenças e valores diferenciados. A partir desta realidade, nota-se a necessidade de compreender as diferentes visões de meio ambiente físico, natural e humanizado e como a natureza é sentida e conhecida pelas várias culturas humanas.

Segundo Sato (1997), existem diferentes visões de ambiente. Uma delas é a que compreende a natureza como uma bela paisagem, algo a ser preservado, respeitado e apreciado, visto também como um lugar para se viver, agradável, de extrema sensação de paz. Nessa concepção, o ambiente é caracterizado pelos aspectos socioculturais e elementos históricos, e o homem se mostra mais relacionado com o meio, e por mínimo que seja, é notado certo valor afetivo, incentivando no sentimento de pertencer, se sentir parte do lugar. O homem “aprende a ser relacionar para enriquecer a qualidade de ser” (SATO, 1997, p. 9).

Cada indivíduo percebe e sente de maneira diferente o meio em que está inserido. Essa percepção é a resposta dos sentidos humanos – visão, tato, olfato, audição e paladar – aos estímulos externos, é a maneira como o indivíduo reage à determinada situação, lembrança ou lugar, e ela pode acontecer a partir de manifestações práticas ou psicológicas. (TUAN, 2012; MELAZO, 2005). A percepção ambiental é elemento de grande importância para a tomada de consciência ecológica. Com ela o homem começa a ter sensibilidade para proteger e cuidar do meio ambiente, e também através dela dá-se rumo à formação do sentimento de pertencimento. Alguns trabalhos envolvendo percepção ambiental buscam influenciar uma

sensibilização nos indivíduos e aumentar o nível de compreensão em relação à ambiência, além de descobrir o grau de percepção já existente nessas pessoas, se houver.

Levando em conta a perspectiva biorregional, a dinâmica do lugar (seja uma pequena cidade do interior ou cidade grande) ao mesmo tempo em que é virtualmente informada, com acesso às informações através da internet e alcance da globalização, é também um espaço único por sua natureza, sua paisagem e seu conjunto de elementos que caracterizam esse município e seu cotidiano com uma identidade própria. Nenhum ambiente é neutro. Pelo contrário, é repleto de história e com pessoas historicamente situadas num tempo e num espaço, o que pode ser o recorte de um espaço maior, mas por hipótese alguma é isolado, independente (COUSIN, 2013, p. 10).

Uma sociedade constrói sua relação com a natureza a partir de suas histórias, conhecimentos e culturas. Busca-se notar a percepção ambiental de determinada comunidade através de relatos, histórias de vida e do imaginário da população, que segundo Neto (1999), pode “ser entendido como fonte atuante da ideia e da representação mental da imagem”. Os símbolos das paisagens locais surgem nas lembranças, e remetem a momentos vividos que marcaram e que tiveram importância para cada indivíduo, envolvem aspectos emotivos e afetivos sobre o lugar. As representações humanas acerca do meio ambiente são explicadas a partir dos símbolos, das imagens e do imaginário dos moradores do município de Alvorada do Norte.

Percepção socioambiental foi um tema que a pesquisadora se interessou ao realizar um trabalho da disciplina Meio Ambiente e Cidadania, ofertada pelo professor Irineu Tamaio. Para falar sobre isso, teria que ser escolhida uma região, então por ter morado durante um longo período na cidade de Alvorada do Norte, essa foi a biorregião escolhida.

A pesquisadora não nasceu na cidade de Alvorada do Norte, mas foi lá que passou a infância e parte da adolescência. Sempre teve contato direto com o rio Corrente, tem memórias de acontecimentos marcantes, histórias e lendas que sempre ouviu à respeito da região em geral e participa até hoje das festas tradicionais e culturais do município quando tem a oportunidade. Sendo assim, para ela, Alvorada do Norte é um lugar, pois lhe é atribuído valor afetivo e emocional, e esse fato demonstra forte sentimento topofílico e de pertencimento, que foi essencial para compreender e analisar com mais sensibilidade os relatos dos moradores entrevistados e associá-los ao assunto estudado.

Com essa compreensão de percepção, a pesquisa tem como objetivo identificar e analisar a percepção socioambiental dos moradores que vivem à margem do rio Corrente, na cidade de Alvorada do Norte - Goiás. Como objetivos específicos, pretende-se compreender como a economia e o estilo de vida dos grupos sociais locais afetam o meio físico, as atitudes e valores ambientais, investigar e analisar o sentimento de pertencimento dos moradores locais através de diálogos e registros, mostrando principalmente a importância do rio para a região, contribuindo para auxiliar na conservação e compreender que tipo de sentimento existe atualmente nos indivíduos em relação à paisagem do rio e se ele lhe confere harmonia, sensações agradáveis ou desagradáveis.

Este trabalho visa pensar um determinado aspecto da crise socioambiental no município, ou seja, a importância do rio Corrente, que se encontra em estado avançado de assoreamento, causado principalmente pela grande retirada de água através dos pivôs das fazendas vizinhas, pela destruição da mata ciliar em alguns pontos do rio e pela poluição das águas. Além disso, também se justifica com a tentativa de sensibilizar a população através de informações, para que tenha maior conhecimento da gravidade do risco ambiental que a região está sofrendo.

O rio Corrente é o principal curso de água natural que há na região de Alvorada do Norte, e além de ser um atrativo turístico muito importante para o município, dele dependem alguns fazendeiros, seja para a agricultura ou para a criação de animais.

Houve épocas de chuva em que aconteciam enchentes, e o rio transbordava de tamanha maneira que chegava a alcançar a marca de até 80 metros além da sua margem. A mais lembrada foi a que aconteceu em 2005, quando várias famílias que moram próximas perderam suas coisas e tiveram que sair às pressas para a água não causar um estrago maior. Animais, objetos e móveis eram levados pela força das águas e do vento durante o temporal. Donos de bares e quiosques perdiam suas mercadorias, casas eram destelhadas, muros não suportavam a força da correnteza e caíam. Quando tudo se acalmava, os moradores saíam de seus refúgios para conferir os estragos e o que havia sobrado.



## **1. VALE DO PARANÃ E CHAPADA DOS VEADEIROS**

### **1.1 Breve histórico**

A região Nordeste do estado de Goiás constitui hoje, de acordo com Silva (2014), uma “região de planejamento formalmente instituída pelo governo do Estado de Goiás, equivalente à junção dos perímetros das microrregiões Chapada dos Veadeiros e Vale do Paranã.” O Nordeste Goiano é composto por vinte municípios – Alto Paraíso de Goiás, Alvorada do Norte, Buritinópolis, Campos Belos, Cavalcante, Colinas do Sul, Damianópolis, Divinópolis de Goiás, Flores de Goiás, Guarani de Goiás, Iaciara, Mambaí, Monte Alegre de Goiás, Nova Roma, Posse, São Domingos, São João D’Aliança, Simolândia, Sítio D’Abadia e Teresina de Goiás. Com os seguintes dados:

“Na região do Nordeste Goiano há vinte municípios em território de 38.726.364 Km<sup>2</sup> de área, correspondendo a 11,39% do total da área do estado. Sua população total é de 169.961 habitantes, segundo o Censo Demográfico 2010, o que corresponde a 2,83% da população total do estado. Das atividades econômicas hoje nela desempenhadas, é a pecuária (rebanho bovino) que responde com percentual mais significativo quando relacionada às demais atividades desenvolvidas no estado, correspondendo a 5,5% do rebanho estadual.” (SILVA, 2014, p. 1)

De acordo com Vieira (2015) e Silva (2014), o início da ocupação do Nordeste Goiano – final do século XVII e início do século XVIII, período da mineração - se deu com a chegada das primeiras famílias, que vieram principalmente da Bahia, em busca de pedras preciosas e terras férteis que fossem aptas ao cultivo e ao pastoreio, e resultou na formação de Arraial de Cavalcante (atual Cavalcante), em 1740, e nessa mesma época, o município de Flores de Goiás foi fundado e começou a receber seus primeiros habitantes. O restante da região foi ocupado com incentivo da busca por ouro, que aconteceu em meados do século XVIII, e deu origem às cidades de Monte Alegre de Goiás, Nova Roma e Teresina de Goiás. Mas por lei de criação, as localidades de Posse e Sítio D’Abadia são destacadas pelo governo de Goiás como uma das mais antigas do Nordeste do Estado.

No Nordeste Goiano se encontra o Vale do Paranã, uma microrregião político-administrativa que fica ao lado da Chapada dos Veadeiros, e é composta pelos municípios de Alvorada do Norte, Simolândia, Buritinópolis, Damianópolis, Divinópolis, Flores de Goiás,

Iaciara, Guarani de Goiás, Mambaí, Posse, Nova Roma, Sítio d'Abadia e São Domingos. Essa região é propícia à criação de gado bovino. De acordo com Vieira (2015), o Vale do Paranã “foi uma extensão dos currais baianos. Pastagens naturais, clima cálido, reúnem todas as condições favoráveis ao desenvolvimento da criação em grande escala”. Para esse autor:

“A região do Vão do Paranã está inserida na bacia do Tocantins, tendo como principal caudal o rio Paranã, que corta o extremo leste no sentido sul/norte. São principais afluentes do Paranã os rios Santa Maria, São Domingos e Corrente. Na Serra Geral encontra-se o grande lençol freático onde nasce um rio para Goiás, outro para a Bahia, Minas e até Piauí. Exemplos: Corrente/GO, Pratidão/BA, Formoso/MG e rio Preto/PI.” (VIEIRA, 2015, p. 24)

A cultura popular do Nordeste Goiano é rica em manifestações, seja através de datas comemorativas, festas, lendas, no dia a dia, entre outros. Nessa região, ainda há uma valorização cultural aplicada às crianças nas escolas e mantida pelos mais velhos, que inclui práticas de incentivo e apoio aos agentes culturais populares, aos intérpretes e responsáveis pelas danças típicas e folias, aos artesãos e diversos artistas locais.

A Chapada dos Veadeiros, microrregião político-administrativa que se situa ao lado do Vale do Paranã também compõe o Nordeste Goiano e abrange os municípios de Alto Paraíso de Goiás, Campos Belos, Cavalcante, Colinas do Sul, Monte Alegre de Goiás, Nova Roma, São João d'Aliança e Teresina de Goiás. (Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017).

O parque foi criado pelo Decreto 49.875 de 11 de janeiro de 1961 com o nome de Parque Nacional do Tocantins, mas foi alterado pelo Decreto 70.492 de 11 de maio de 1972, que deu nova denominação, passando a se chamar Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. (planalto.gov.br, 2017)

## **1.2 O bioma presente na região: o Cerrado**

O bioma predominante na área estudada é o Cerrado, o segundo maior bioma brasileiro, abrangendo cerca de 22% do território do país – 2.036.448 km<sup>2</sup> - de acordo com o IBGE, 2004. Engloba o Distrito Federal e os Estados de Goiás, Tocantins, Minas Gerais, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Rondônia, Piauí, Paraná e São Paulo, além de pequenas amostras nos Estados do Amazonas, Amapá e Roraima. Ainda se tratando

das características encontradas neste bioma, pode-se citar a presença das nascentes das três maiores bacias hidrográficas da América do Sul: Amazônica-Tocantins, São Francisco e Prata. Em relação à sua biodiversidade, é listada como uma das mais ricas entre os biomas brasileiros, fato favorecido pelo seu elevado potencial hídrico, como citado anteriormente. Das espécies já catalogadas, a flora conta com 11.627 de espécies de plantas nativas. Na fauna, são registradas cerca de 199 espécies de mamíferos, 837 de avifauna, 180 de répteis, 150 de anfíbios e 1.200 de peixes, segundo dados divulgados pelo Ministério do Meio Ambiente.

O Cerrado também tem grande importância no cunho social, muitas populações (comunidades indígenas e quilombolas, ribeirinhos, geraizeiros entre outros) dependem de seus recursos naturais para sobreviver. Elas fazem parte do patrimônio histórico e cultural brasileiro e trazem consigo um conhecimento tradicional de sua biodiversidade, contribuindo assim para a preservação. A economia gerada a partir dos recursos extraídos do Cerrado é de suma importância para essas habitantes. Elas comercializam e consomem principalmente seus frutos – pequi, mangaba, buriti, cagaita, caju, araticum, baru e bacupari – além de utilizar espécies de plantas medicinais em tratamentos médicos.

Mas apesar de tanta riqueza, o Cerrado é um dos biomas brasileiros que mais sofre degradação com a ação humana. Ele vem sendo ameaçado e perdendo seus espaços naturais devido ao avanço da fronteira agrícola – que pressiona essas áreas com o intuito de aumentar a produção de grãos e pasto para o gado - e também pela fragmentação dos ecossistemas, e como consequência, diversas espécies de animais e plantas estão correndo risco de extinção. Estima-se que 20% das espécies nativas e endêmicas já não ocorram em áreas protegidas e que pelo menos 137 espécies de animais que ocorrem no Cerrado estão ameaçadas de extinção (Ministério do Meio Ambiente, 2016).

França (2014) diz que a partir da década de 1970, no Planalto Central, as políticas de incentivos à ocupação foram adotadas para acabar com o vazio demográfico. A criação de Alvorada do Norte se encaixa nesse contexto, uma vez que os pioneiros que chegaram àquela região na época tinham interesses em ocupar aquelas terras para investimentos e futuros negócios. O lugar escolhido para a construção de um novo município no Nordeste Goiano foi estratégico, pois estava inserido na concepção desenvolvimentista que se deu na época da construção da nova capital do país, Brasília (1956-1960).

Ações de estímulo ao desenvolvimento econômico e povoamento do interior do país resultaram no aumento da migração, trazendo junto o crescimento da agropecuária e abertura de novas rodovias ligando o Norte do Brasil às demais regiões, cortando todo o Centro-Oeste.

### **1.3 Alvorada do Norte: uma nova povoação à beira da BR 020**

Vários foram os pioneiros que fizeram história na construção de Alvorada do Norte, que surgiu primeiramente como ideia de uma nova sede para o município de Sítio d'Abadia. Em junho de 1960, o então prefeito de Sítio d'Abadia, Hermelino Alves de Brito e alguns vereadores se reuniram para discutir essa hipótese de mudança, porém, alguns foram contra esse projeto. De acordo com Sousa (2005):

“O encontro se fez sob o protesto de alguns vereadores que eram contra a transferência da sede municipal de Sítio d'Abadia para a nova povoação que se formava à beira da BR-020. Do choque de interesses que dividiu os políticos do Sítio, resultou o insucesso da tentativa de mudança da sede municipal.” (SOUSA, 2005, p. 23)

**Figura 1: A cidade de Alvorada do Norte, Serra Geral e rio Corrente**



Foto de Luiz Henrique Parahyba, 2012

**Figura 2: Imagem da réplica do Cristo Redentor que há em cima da Serra Geral**



Foto de Luiz Henrique Parahyba, 2005

Mas como ainda existia a ideia de fundar uma cidade às margens do rio Corrente, nos anos de 1960 a 1961, Dr. Zenito e Ismael Carneiro Magalhães foram atrás do local pretendido, e como o terreno escolhido fazia parte da fazenda Boqueirão, procuraram, ao chegar lá, o dono da propriedade para aquisição da área, porém, a fazenda já havia sido vendida a Osvaldo Rodrigues da Cunha, que depois de muita conversa e insistência, doou para este fim 30 alqueires de terra, mas com a condição de reservarem para ele pelo menos duzentos lotes à margem da rodovia. Depois dos acordos feitos, deu início à demarcação dos lotes e ruas, onde hoje se situa o bairro Alvoradinha. Apesar de ter encontrado alguns empecilhos durante as tentativas de mudança da sede do município de Sítio d'Abadia para este local, essa iniciativa teve o apoio do então prefeito Hermelino Alves de Brito e do coletor estadual Ismael Carneiro Magalhães, os promotores de justiça João Alves Santana e José Ribeiro do Nascimento, o escrivão Tristão do Prado e o presidente da Câmara Municipal Hergino Francisco de Ataídes.

O depoimento abaixo foi extraído da página 25 da obra de Aderbal José de Sousa, de 2004, “Memória Histórica de Alvorada do Norte”, e descreve a narrativa de um dos pioneiros da fundação da cidade, Ismael Carneiro Magalhães:

*“A história, aliás, o sonho de uma Alvorada para o município de Sítio d'Abadia começou quando nos chegou a notícia de que o presidente Juscelino, que já estava construindo Brasília e também a rodovia Belém-Brasília, autorizou a construção pelo DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), da rodovia 020, ligando Brasília a Fortaleza e ao Nordeste. [...] Logo fiquei sabendo pelo colega*

*vereador, Hergino Ataíde, que a picada da estrada tinha passado justamente onde é hoje Alvorada do Norte. Daí nasceu o sonho, idealizado pelo Dr. Zenito, de construir uma cidade junto a rodovia, com a finalidade de para lá transferir a sede do município. Imediatamente eu fui ao vale do Paranã, onde pernoitei na fazenda do colega Hergino e no dia seguinte fomos procurar o local onde deveríamos fundar a cidade. E então encontramos aquele lindo local, ao pé da serra e às margens do rio Corrente.” (depoimento de Ismael Carneiro Magalhães, p. 25. “Memória Histórica de Alvorada do Norte”, Aderbal José de Sousa, 2005)*

Inicialmente fundada como povoado, Alvorada do Norte foi elevada à categoria de município cinco anos após sua criação, em 23 de outubro de 1963, e somente no ano seguinte foi elevada à cidade. (Prefeitura Municipal de Alvorada do Norte, 2017).

#### **1.4 O rio Corrente cortando o íngreme sertão**

O rio Corrente nasce da bacia do Tocantins, na Serra Geral, próximo ao município de Sítio D’Abadia, corre pelos municípios de Alvorada do Norte, Simolândia, Iaciara e Flores de Goiás, situados no Nordeste Goiano e desagua no rio Paranã. Em 2002 foi inaugurado em Alvorada do Norte um complexo de lazer situado à beira do rio Corrente, que ganhou o nome de “Praia do Povo”, e hoje é o principal ponto atrativo turístico da cidade de Alvorada do Norte. Trata-se de um local arborizado, paisagístico, com quiosques, restaurantes e áreas de lazer para os visitantes, parquinho para as crianças, e claro, espaço de sobra para os banhistas. É indicado como um lugar ideal para aproveitar os finais de semana e relaxar tendo um contato maior com a natureza, um espaço de socialização e convívio com o rio.

**Figura 3: O rio Corrente, em Alvorada do Norte - Goiás**



Foto de Sinara Oliveira, 2017

A cidade de Alvorada do Norte é privilegiada por ter ao seu redor uma cadeia de montanhas, formando assim um belo visual que chama a atenção de quem passa pela rodovia BR-020. Apesar de sua grande beleza, há um período do ano em que devido ao clima seco e à falta de chuva, a serra é alvo de incêndios, e acredita-se que embora o tempo seco favoreça as queimadas, a maior responsabilidade por isso seja a ação antrópica proposital. Há fazendas muito próximas ao pé da serra, e alguns fazendeiros ateiam fogo no pasto e acabam perdendo o controle das chamas, que acabam se espalhando e sobem todo o morro, percorrendo algumas vezes uma imensa parte da serra, deixando-a com aspecto “feio”, acinzentada e sem vida.

Sousa (2005) narra de forma poética a beleza do rio para os moradores da seguinte forma:

“Contemplava-se o rio Corrente exibindo suas ondulações entre os dois cumes das montanhas opostas, cortando em linha reta o íngreme sertão, por onde se viam a grandiosas árvores nativas como jatobás, sucupiras brancas e pretas, baraúnas, barrigudas, marias-pretas, paus-d’óleo, aroeiras, tamboris, ipês roxos, cedros, perobas-rosas e outras mais, grandes árvores tombadas ao solo com suas raízes expostas ao ar livre” (SOUSA, 2004, p. 21)

No planeta inteiro, o total de água retirada dos rios aumentou em decorrência do aumento populacional, consequentemente aumentaram as produções industriais, agricultura e pecuária, fazendo com que a água utilizada retorne aos rios e lagos contaminada, modificando seu ciclo e afetando quem depende dela para sobreviver, ou seja, todos os seres vivos. (BRASIL 2017)

Os poluentes jogados de maneira errada nos corpos d'água podem ocasionar a morte de peixes e outras formas de vidas aquáticas, além de conter muitas bactérias. O esgoto despejado também causa mau cheiro e proporciona o desenvolvimento de microrganismos que facilitam a proliferação de doenças, caso ocorra alguma enchente. Já os resíduos sólidos, quando descartados dentro dos rios, se acumulam, e quando vem uma chuva intensa, a vazão do curso de água diminui, fazendo com que ocorram alagamentos nas margens, trazendo prejuízos para quem está próximo.

A principal adversidade encontrada na cidade de Alvorada do Norte é a degradação do rio Corrente, causada por vários fatores, entre eles a grande retirada de água pelos pivôs da agricultura moderna intensificada que se situam próximas e captam água do rio, a destruição da mata ciliar em alguns pontos, causando assim outro revés, o assoreamento e a erosão das beiradas, e além desses, é possível encontrar na área mais urbanizada de suas margens alguns canos vindos de casas e bares despejando esgoto bruto, sem nenhum tipo de tratamento, e todo tipo de lixo muitas vezes boiando sobre a lâmina d'água. Mas além de atribuições com o rio, a região em si começou a ter problemas ambientais relacionados à extração de madeira, logo em seguida à criação do município.

A poluição das águas do rio Corrente não é um problema novo. Mesmo antes de dar início a este estudo, a pesquisadora, por ter contato com a área há muitos anos, já notava a presença de lixo nas margens e dentro do rio, principalmente em época de festas, pois a orla do rio é utilizada como espaço para realização de algumas festas tradicionais do município, e com a grande concentração de pessoas neste local, uma parte da sujeira gerada acaba indo parar nas águas, seja pela ação do vento ou da chuva, transporte pelos animais ou pela falta de consciência dos próprios festeiros. Além de resíduos sólidos, houve épocas em que alguns donos dos quiosques que se situam às margens do rio Corrente despejavam esgoto bruto diretamente nas águas, através de um cano que vinha da parte de dentro dos bares e lançavam os rejeitos sem nenhum tratamento adequado. Esse tipo de ação gera vários problemas não só ambientais, mas também à saúde da população.



Diante dessa situação, o estudo da percepção ambiental está diretamente ligado à conservação, pois a partir do momento que o indivíduo tem uma sensibilidade no modo de ver o meio ambiente, consequentemente cuidará com mais facilidade do que está à sua volta. Mas em caso de distanciamento da relação ser humano-natureza, essa percepção corre o risco de se perder, podendo ocasionar uma indiferença na visão do homem para com a natureza. É o sentido de que precisa se conhecer para amar, e amar para proteger.

### **1.5 “Da febre dos machados motorizados” aos pivôs de irrigação: a destruição ambiental local**

Matas ciliares são formações vegetais que se localizam às margens dos corpos d’água e podem se estender por muitos metros, conter variações em sua composição florística e interagir diretamente com os ecossistemas aquáticos e terrestres.

Assim como no caso do rio Corrente, a destruição da mata ciliar geralmente se dá através da ocupação humana, agricultura irrigada em pequena ou grande escala, ocupação com pasto para o gado, construções diversas, extração de madeira e outros fatores. Para Holanda *Et all* (2011), tudo isso acarreta vários problemas como redução da fauna e flora que habitam o local, erosão das margens do rio, trazendo junto a perda de volume de solo, e o grande problema do assoreamento, processo pelo qual o excesso de resíduos soltos (terra) se direcionam para dentro do rio, por não ter raízes que os sustentem, causando grande acúmulo desses resíduos no fundo dos corpos d’água, tornando-os mais rasos e turvos, impedindo a entrada de luz solar e impossibilitando a renovação do oxigênio que são essenciais para a vida aquática.

O Cerrado foi muito modificado depois que se expandiram as fronteiras do agronegócio. De acordo com Klink e Machado (2005), “nos últimos 35 anos mais da metade de seus 2 milhões de km<sup>2</sup> originais foram cultivados com pastagens plantadas e culturas anuais [...] a agricultura no Cerrado é lucrativa e sua expansão deve continuar em ritmo acelerado.”

A degradação do bioma Cerrado trouxe danos ambientais como extinção da biodiversidade, fragmentação de habitats, erosão dos solos, poluição de lençóis subterrâneos,

invasão de espécies exóticas, alteração nos ciclos da água e do carbono e risco de modificações climáticas locais.

Klink e Machado (2005) ressaltam que:

“Embora o Cerrado seja um ecossistema adaptado ao fogo, as queimadas utilizadas para estimular a rebrota das pastagens e para abrir novas áreas agrícolas causam perda de nutrientes, compactação e erosão dos solos, um problema grave que atinge enormes áreas [...] A eliminação total pelo fogo pode também causar degradação da biota nativa, pois devido ao acúmulo de material combustível (biomassa vegetal seca) e à baixa umidade da época seca, uma eventual queimada nessas condições tende a gerar temperaturas extremamente altas que são prejudiciais à flora e à fauna do solo.” (Klink & Moreira *apud* Klink & Machado, 2005, p. 148-149)

Logo após a criação do município de Alvorada do Norte, a economia da região começou a se fortalecer com a extração e comercialização de madeiras. A exportação desse recurso natural ampliou o mercado, gerando empregos diretos e indiretos, beneficiando a cidade de forma econômica e social, mas deixando de lado o aspecto ambiental. Árvores como ipê roxo, peroba, cedro, jatobá, pau-ferro, bálsamo, tamboril e jacarandá tinham alta demanda, visto que eram utilizadas na construção de casas, prédios e fabricação de móveis.

Segundo Sousa (2005), os empresários do ramo madeireiro faziam a limpeza para a retirada das árvores, abrindo clareiras na mata para que tratores e caminhões pudessem ser carregados com essa matéria-prima. A devastação começou, mas na época essa depredação ambiental ainda não era vista como um crime, e era executada de maneira desordenada e sem grande preparo e conhecimento.

“Foi a febre dos machados motorizados, das motosserras, das máquinas velozes, e exterminadoras das matas, tudo sob o pretexto do desempenho da tecnologia em função da ideia de progresso que dominava todo o país” (SOUSA, 2005, p. 122)

A extração e venda de madeiras na região contribuiu em grande escala para um salto econômico e social, foi a base do desenvolvimento, mas para Sousa (2005), “o erro foi a exploração extrativista em excesso, esgotando as reservas florestais sem o necessário reflorestamento”.

Este estudo realizado no município de Alvorada do Norte pode contribuir para a conservação do Cerrado e da cultura regional local que está ligada a ele, contribuindo para

uma reflexão sobre o desenraizamento da população e despertar mudanças de atitudes e valores.

A importância de problematizar a situação do rio Corrente e de parte representativa do bioma Cerrado para a população local ajuda na compreensão ética para uma cidadania ativa que busque a resolução desses problemas. A Educação Ambiental é uma grande aliada nesse quesito, pois explora e reflete com ações ambientais práticas e teóricas (palestras, rodas de conversa, oficinas, entre outras) proporciona oportunidade de aprendizagem e amplia a visão e o entendimento ambiental daqueles que dela participam.

Assim, pesquisar o rio e o Cerrado local contribui para estimular o senso de pertencimento. Como citam Tamaio & Layrargues (2014), a presença de uma amostra representativa do bioma local dentro ou próximo a uma área urbana que possibilite o acesso da população representa uma ampliação do conhecimento da diversidade da fauna e da flora, elemento de sensibilização, conscientização e mobilização social dos cidadãos na defesa do meio ambiente e na manutenção da qualidade ambiental.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO**

Esta pesquisa está referenciada teoricamente nas abordagens do campo da percepção ambiental conhecidas como Biorregionalismo, Pertencimento e Topofilia, conceitos que serão utilizados como elementos metodológicos na problematização e análise dos relatos contados pelas pessoas entrevistadas, facilitando a compreensão do ambiente natural em que estão inseridas. Neste trabalho serão descritos os aspectos históricos, socioambientais, culturais e ecológicos, levando em conta os resultados bibliográficos obtidos pela pesquisadora e a visão dos indivíduos, com suas próprias crenças e conhecimentos sobre a estrutura e o funcionamento do ambiente natural em que estão inseridos.

Para entender a percepção em um contexto socioambiental, é necessário ter a capacidade de analisar e compreender os aspectos conceituais já citados no início deste capítulo, além dos conceitos de paisagem, espaço e lugar, que complementam a corrente filosófica da percepção ambiental.

### **2.1 O estudo da Percepção Ambiental**

De acordo com González (2006), o saber científico é formulado a partir do saber popular quando se fala em percepção ambiental abordando o campo da topofilia, biorregionalismo e pertencimento, e envolve o meio ambiente e seus processos naturais e as populações nativas e tradicionais. A relação homem-natureza é um dos caminhos a ser interpretados neste trabalho, e sua organização se dá através da busca no cultural, no mito, na razão, na emoção e nas vivências de cada morador local. Sendo assim, a experiência vivida é transformada em objeto de conhecimento através da imaginação e do sentimento.

A percepção ambiental envolve a compreensão do espaço natural e o significado de paisagem relacionado a esse espaço. Cada indivíduo tem sua própria maneira de ver e reconhecer o ambiente em que vive. Um biólogo e um empresário, por exemplo, têm noções distintas de paisagem: para um, a paisagem tende a ser algo belo e que deve ser conservado; para o outro, pode ser visto como algo criado para servir o homem e suprir suas necessidades. Ambas as visões estão relacionadas à percepção individual de cada um. O visitante e o nativo também são exemplos de percepções ambientais distintas.

Para o visitante, a paisagem e o espaço natural não envolvem aspectos ligados ao apego emocional, pois não tem nenhum vínculo enraizado com este espaço. Já para o nativo é o contrário, ele sim tem vínculo afetivo, cultural e tradicional com este ambiente, o reconhece como parte de sua história, vai ter sempre na memória lembranças de momentos vividos ali. Neste sentido, Melazo (2005) destaca que:

“O estudo da percepção ambiental se torna fundamental para que possamos compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente no qual vive, suas expectativas, satisfações e insatisfações valores e condutas, como cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente frente às ações sobre o meio.” (MELAZO, 2005, p. 2 - 3)

Pode-se dizer que a percepção ambiental deve estar atenta às diferenças e aos valores que existem entre os indivíduos componentes de determinado cenário que se deseja estudar. Assim, as realidades, os grupos sociais, as diferentes culturas, diferentes personalidades, experiências e educação são fatores que influenciam na análise dessa percepção em relação ao meio ambiente.

Os sentimentos e os estímulos que propiciam essa percepção são únicos em cada indivíduo, e tem origem nas lembranças, nos momentos passados, nas imagens e seus significados. Segundo Melazo (2005), a variedade de significados e valores atribuídos aos lugares e ambientes torna difícil a identificação das percepções, justamente porque cada pessoa atribui valores distintos, sejam eles ecológicos, estéticos ou econômicos.

## **2.2 O estudo do Biorregionalismo**

O Biorregionalismo é uma tentativa, entre tantas outras possibilidades, de construir identidades fora dos centros hegemônicos, na relevância das lutas políticas em locais e territórios singulares (SATO, 2005).

De maneira mais aprofundada, o Biorregionalismo caracteriza-se em princípios éticos com foco na formação de sociedades ecológicas, envolvendo educação ambiental, as relações humanas com a natureza e aspectos tradicionais e culturais de determinada biorregião.

Dentro da observação de um local específico e seus sistemas naturais, as relações ser humano e meio ambiente favorecem a criação de um senso de lugar, e tudo isso é analisado usando elementos que contêm traços marcantes do município que se pretende estudar, por

exemplo, a espiritualidade, as memórias dos moradores mais antigos, lendas e causos da região, expressões culturais e outros símbolos.

Sato (2005), em seu trabalho “Biorregionalismo: a educação ambiental tecida pelas teorias biorregionais” fala sobre a comunidade de Mimoso, no Pantanal, e a descreve como uma localidade rural, distante do ruído das fábricas, da poluição e do trânsito exacerbado. “Essa região não está esquecida [...] seus habitantes recusam ser excluídos da “qualidade de vida”, e teimosamente lutam para que suas vidas sejam narradas.” (SATO, 2005, p. 39)

A caracterização da comunidade rural de Mimoso se relaciona com o município de Alvorada do Norte, uma vez que ambos são localidades pequenas e no interior, mas que tem na luta de seu povo a vontade de ser reconhecida e lembrada sempre.

A percepção é um elemento bastante importante para se entender o que é Biorregionalismo, é tornar as pessoas mais conscientes em relação ao ecossistema no qual estão inseridas, é mostrar a elas a responsabilidade do cuidar do ecossistema em torno de si, é despertar uma responsabilidade ambiental. É um entendimento, uma compreensão, sentimento de amar e preservar a natureza ao redor. Sato (2005, p. 41) faz a seguinte afirmação sobre o biorregionalismo e suas características:

“Assim como as correntes filosóficas gerais, o biorregionalismo também tem suas várias características. Historicamente, ele nasceu nos Estados Unidos, em plena efervescência da contracultura, no contexto das comunidades alternativas da Califórnia, que buscaram um estilo alternativo de vida e se consagrou como parte da chamada “Ecologia Profunda” (Alexander, 1996). Em oposição à ausência de sensibilidade ecológica, centralizada na espécie humana (antropocentrismo), a ecologia profunda reivindica pela ética da vida em sua plenitude (biocentrismo).” SATO (2005, p. 41)

O termo biorregião não é facilmente definido, pois encontrar trabalhos acadêmicos com esse tema é algo não muito comum, por isso foi formulada uma ideia do conceito de biorregião baseado no entendimento do que é biorregionalismo, que pode se dizer que seja um território de vida, que abrange todas as suas formas de vida e é caracterizado por sua topografia e elementos que a compõe. Esse termo é ideal para a colocação do homem dentro da natureza, sem se posicionar acima dela de uma forma egocêntrica.

Para Sato (2005), no mosaico biorregional, existe uma enorme variedade de lendas e “causos” que se aliam à espiritualidade, ressaltando santos padroeiros e mexendo com a fé e a crença dos moradores.

## 2.3 O estudo do Pertencimento

Pertencimento associado à educação ambiental refere-se à relação do sujeito com o lugar, a maneira como o indivíduo é ligado afetivamente e emocionalmente a determinado meio. O envolvimento afetivo acaba possibilitando uma utilização mais racional dos recursos naturais, e a interação da comunidade no planejamento e desenvolvimento do município possibilita uma relação mais harmônica entre homem e natureza, sendo assim, é preciso se sentir pertencente para aprender a amar e conservar. A noção de pertencimento que aparece nos discursos e práticas de Educação Ambiental não é um conceito que já se encontre formal e racionalmente definido, do qual seja possível identificar uma nítida trajetória (Sá, 2005, p. 248).

De acordo com França (2014), a cultura influencia os indivíduos a terem determinados comportamentos, valores e sensações em relação à natureza. Ela transforma o sentimento de pertencimento utilizando a essência do mundo natural para determinar o universo ecológico em que as pessoas estão inseridas e formular suas percepções e interpretações do ambiente do qual fazem parte. A compreensão da natureza acontece pela proximidade entre ela e os habitantes do local e o respeito pelo que ela é e representa para essas pessoas.

A cultura popular, que pode ser considerada uma rica herança deixada para as novas gerações, não pode ser esquecida ou perder sua credibilidade e suas raízes, pois segundo Vieira (2015):

“A cultura popular se encontra abandonada no deserto da cultura de massa, trazida pela força da mídia destruidora das tradições e dos costumes [...] As sociedades que negam seus próprios valores em função de estereótipos de outras culturas, estão condenadas a perder sua identidade”.

A relação entre ética e sustentabilidade aborda o sentido de pertencimento, quando se volta para a transformação de comportamentos, valores e atitudes para a formação de pessoas. O enraizamento biológico e físico do homem também é forte referência na construção da noção de pertencimento. No sentido de pertencimento social, os indivíduos criam sentimento de adesão a visões e paradigmas comuns, fazendo com que se sintam parte de um espaço de tempo comum.

O sentimento de Pertencimento é ligado ao conceito de “lugar” como espaço vivido, seguindo o sentido da valorização do homem pela sua essência, valoriza o tradicional como sinônimo de identidade. Para Tuan (1980), lugar é um conjunto complexo, enraizado no passado e incrementando-se com o passar do tempo, com o acúmulo de experiências e

sentimentos. O sentido de lugar pode começar apenas como um local que se transforma à medida que o indivíduo o conhece melhor e lhe atribui valor. Pode ser considerado um conjunto de significados construídos pela experiência individual vivenciada por cada um, está repleto de símbolos derivados de situações e sensações geradas a partir de circunstâncias pessoais, sociais, culturais, econômicas, históricas, políticas, entre outras.

As relações que as pessoas estabelecem com o lugar determinam a maneira como elas interagem com os ambientes naturais, sociais e econômicos, ou seja, cada indivíduo terá sua própria relação, sua própria visão, pois cada qual vive sua realidade. A partir dessas interações, os moradores têm consigo múltiplas visões acerca do ambiente, que foram construídas com base no aprendizado, nas vivências distintas, na experiência pessoal, nas imagens e nas memórias. O espaço, vinculado ao sentido de lugar e de pertencimento, é algo mais distante, sem ligações afetivas com os habitantes, mas ao ser-lhe atribuído valor, pode se transformar em lugar com o passar do tempo.

## **2.4 O estudo da Topofilia**

O termo Topofilia foi criado por Yi - Fu Tuan (1980), e ele o define como sendo “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. Ao residir em determinado local, os indivíduos adquirem relações de pertencimento e no que diz respeito ao ambiente onde vivem, normalmente se sentem parte daquele lugar. O ser humano vivencia a paisagem, está em contato com ela todos os dias. Através da sensibilidade da percepção, consegue-se resgatar sentimentos antigos vividos, lugares visitados, lembranças que causam nostalgia e despertam o apreço e a satisfação de fazer parte daquele meio. A paisagem abriga diferentes sentidos, pois é formada por olhares individuais, e sua percepção está associada ao contexto da dimensão da experiência vivida por cada sujeito. Ela liga o passado, o presente e o futuro através de convivências no tempo vivido. O cotidiano é repleto de percepções, sentimentos, símbolos, modos de agir únicos, identidades diferentes, que juntos constituem processos naturais do modo simples de viver.

Pode-se considerar que a investigação das nuances topofílicas dos indivíduos é uma porta de saberes, pois cada um tem uma contribuição a fazer sobre a paisagem, um elemento que se importa salutar, uma história que enriquece o contexto do ambiente (SANTOS, 2016, p. 47).



Dependendo da intensidade das experiências vividas e da carga afetiva, a topofilia pode assumir diferentes formas, e pode ser notada em momentos como a apreciação da paisagem através das águas correntes de um rio, o canto dos pássaros num fim de tarde, o belo visual de um conjunto de serras visto da janela da sala, o afeto à casa e ao quintal repleto de pés de manga, goiaba e das mais variadas plantas usadas para a cura e tratamento de todo tipo de enfermidade, entre diversos outros exemplos.

Sendo assim, percebe-se que esse termo faz o elo entre meio ambiente e o sentimento humano, conta com uma consciência emocional, e está presente nas mais profundas emoções de cada indivíduo quando relacionado às vivências e o lugar. As pessoas podem ser influenciadas pelos elementos do meio, um rio, uma rua ou uma árvore podem levar os indivíduos ou até mesmo uma comunidade inteira a um intenso foco afetivo emocional.

Através dos sentimentos desenvolvidos e a intenção de cuidar e preservar a natureza, podem ser formulados programas, ações, oficinas, propostas e outras metodologias de educação ambiental para ser aplicadas como atividades e inseridas no cotidiano dos moradores locais, instigando assim uma relação de amor e respeito, seguindo a linha de pensamento de que é preciso “conhecer para amar, e amar para preservar”.

Como foi notado, o termo topofilia faz uma associação entre sentimento e meio ambiente, então começa a se pensar que ele pode modificar a ideia de espaço e lugar. Sendo assim, nos próximos tópicos abordaremos essa diferenciação entre esses dois termos. Na obra de Tuan, Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência (1983), os conceitos são assim diferenciados:

“O lugar é uma classe especial de objeto. É uma concreção de valor, embora não seja uma coisa valiosa, que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para o outro; é um objeto no qual se pode morar. O espaço é dado pela capacidade de mover-se. Os movimentos frequentemente são dirigidos para, ou repelidos por, objetos e lugares.” (TUAN, 1983, p. 3)

#### **2.4.1 O espaço no sentido topofílico**

No contexto da topofolia, espaço é definido como algo que não é dotado de valor afetivo, não desperta nos indivíduos que nele estão inseridos o sentimento de pertencimento, o desejo de conhecer e amar, mas ainda assim as pessoas reconhecem suas delimitações e já trazem consigo suas experiências diretas ali vividas. Apesar dessa objetividade na descrição do espaço, ele “pode ser mantido cuidado e conservado, mas em prol do cumprimento de um

dever, obtenção de reconhecimento, e não por uma necessidade que venha de dentro do indivíduo, uma necessidade de cuidado que contenha consciência emocional” (Santos, 2016, p. 50).

Espaço e lugar são dois conceitos que caminham lado a lado na ideia filosófica de toponímia. O espaço pode se tornar um lugar se lhe for atribuído valor afetivo. Ele pode ser descrito de diversas maneiras, mas tudo depende do ponto de vista e das experiências ali vivenciadas por quem está analisando. Na maioria das vezes o observador que descreve ou define o espaço utiliza referências físicas, ocupacionais (nos casos em que a pessoa utiliza o espaço para trabalhar ou estudar, por exemplo), e até ambientais, mas não relaciona a paisagem às vivências íntimas e pessoais.

#### **2.4.2 O lugar no sentido toponímico**

A ideia de lugar no contexto da toponímia se associa ao espaço como citado anteriormente. É a transformação do espaço em lugar, porque lhe foi atribuído um valor emocional, e isso acontece de acordo com as experiências vividas pelo indivíduo dentro desse meio. Sendo assim, considerar que um espaço já virou um lugar é “compreender as abordagens subjetivas que as pessoas desenvolvem acerca do mesmo, por meio de suas experiências e histórias” (Santos, 2016, p. 51). No lugar é que estão inseridas as referências pessoais e os valores das pessoas, que as fazem ter uma visão mais harmoniosa, mais subjetiva, mais amorosa, direcionando-as a ter uma forma de pensar, de perceber, construir e sentir a paisagem. Em outras palavras, o lugar pode ser descrito como um espaço geográfico repleto de laços afetivos que os indivíduos constroem durante a vida.

Para Tuan (1983), “o lugar é segurança [...] pode ser desde a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria”. Então o termo lugar no sentido toponímico é algo que traz certa estabilidade e confiança, algo mais subjetivo, ligado afetivamente e emocionalmente ao indivíduo. Uma pessoa que mora há muito tempo em determinado lugar tende a conhecê-lo intimamente, conhecendo bem os costumes locais, as tradições, as comemorações, entre vários outros aspectos.

## **2.5 Campo de pesquisa**

### **2.5.1 Descrevendo o território de Alvorada do Norte**

Existe uma importante obra literária intitulada “Memória Histórica de Alvorada do Norte”, do autor Aderbal José de Sousa, que conta a história da formação do município, incluindo fatos trabalhados em ordem cronológica pela visão do próprio autor, testemunha e personagem de vários acontecimentos marcantes. Esse trabalho foi usado nesta pesquisa como principal referência para descrever a cidade e seu histórico, e narra viagens, visitas e interesses em comum dos então pioneiros, desde a ideia em fundar um novo município, em meados de 1960, até o ano de 2004, quando o livro foi finalizado.

Apesar de citar a questão ambiental em sua obra, Aderbal José de Sousa foca mais no quesito político desenvolvimentista da cidade de Alvorada do Norte, pois aborda aspectos narrativos sobre a história de prefeitos, vereadores e autoridades que garantiram ao município uma base no caminho para o crescimento e a modernização, ou seja, uma visão etapista e desenvolvimentista da história local.

O município de Alvorada do Norte fica localizado na região Nordeste do Estado de Goiás. A cidade é banhada pelo rio Corrente e faz divisa com o município de Simolândia, que se situa logo após a ponte que existe sobre o rio, também é cortada pela rodovia BR 020, caminho de quem vai do centro do país rumo ao Nordeste brasileiro.

Historicamente, a obra da rodovia em questão foi planejada como uma obra de integração nacional, chamando a atenção do resto do país para o Planalto Central, juntamente com a construção de Brasília, na época. “Magnífico era o contraste da natureza virgem com a abertura espantosa da rodovia Brasília-Fortaleza. A estrada tomava forma em meio ao desmatamento que atingia sessenta metros de largura”. (SOUSA, 2004, p. 21)

As serras que compõem a paisagem da região chamam a atenção dos turistas e viajantes pelo belo visual, fazendo-os muitas vezes parar na cidade para apreciar a beleza natural. Uma tradição cultural do município é as pessoas subirem a Serra Geral na Semana Santa (a maioria sobe a pé), especialmente na Sexta-Feira da Paixão, até a imagem do Cristo, para pagar promessas e agradecer pelas graças alcançadas.

Alvorada do Norte foi fundada em 1958, como povoado do município de Sítio D’Abadia. Em 23 de outubro de 1963, cinco anos após sua criação, o povoado foi elevado à

categoria de município, pela Lei Estadual nº 4.709, se desvinculando assim de Sítio D'Abadia.

De acordo com dados do IBGE, o município ocupa uma área de 1.259,366 km² e a população estimada em 2016 era de 8.598 pessoas. Sua densidade demográfica em 2010 era de 6,42 habitantes por km², e na atual administração, a cidade tem como prefeita Iolanda Holiceni Moreira dos Santos.

**Figura 4: A divisa da área política do município de Alvorada do Norte**



Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/5200803> Acesso em 22 de março de 2017

### **2.5.1.1 Os saberes do povo alvoradense**

“O povo está sempre aprendendo com o próprio povo e toda forma de conhecimento é assimilada por meio da experiência coletiva, numa visão de mundo que é constantemente renovada dentro da dinâmica do folclore. As experiências populares passam de geração a geração, por tradição oral, de forma coletiva e em sentido utilitário, sem especulação teórica nem metodológica científica. A sabedoria do povo é prática.” (VIEIRA, 2015, p. 103)

A cultura de um povo está diretamente ligada às suas crenças, atitudes, valores e experiências. Fatos folclóricos compõem o saber do povo alvoradense, e podem ser antigos ou novos, podem passar por adaptações, transformações e ampliações, mas apesar disso, guardam características como tradicionalidade, aceitação pelo povo, autor desconhecido e caráter utilitário, sendo este último associado principalmente a uma forma de intimidar as crianças e fazê-las obedecer aos mais velhos com histórias de bichos e monstros que habitam a região.

As lendas, os mitos, os causos, as cantigas, as crendices e as superstições são narrativas orais, frutos da criação da cultura popular, e passam de boca a boca, de geração a geração, influenciando comportamentos diante de fatos sugestionáveis - no caso das crendices e superstições. Muitos desses exemplos remetem uma aproximação com entes da natureza, mas ainda com um tom de intimidação. “Na mitologia popular, as forças da natureza atuam fortemente sobre as criaturas humanas, que desde o berço já são embaladas sob a obediência a essas forças, educadas, por assim dizer, segundo uma psicologia do medo” (Vieira 2015, p. 113)

“Sapo cururu  
na beira do rio  
vem pegar neném  
que ele tá cum frio”

(Folclore Popular)

Alvorada do Norte é uma cidade que conta com uma população considerável de idosos, pessoas que cresceram ouvindo seus pais e avós dizer que se pode recorrer a “ingredientes mágicos” para conseguir ou se livrar de determinado acontecimento. Em casos de doenças, os mais velhos sempre têm em mente a recomendação de procurar alguma pessoa dotada do “dom de curar”, alguma benzedeira que interceda com seus recursos milagrosos, rezas e simpatias. Quem nunca ouviu dizer que “ao nascer, o umbigo do recém-nascido deve ser enterrado em locais como a porteira de um curral, para ser fazendeiro, ou à porta da igreja, para ser religioso, ou então acontecer de ser deixado à vista e o rato roer, se tornará ladrão.” (Vieira, 2015, p. 120). Esses e outros dizeres compõem o folclore alvoradense, carregando em seus aspectos marcas da região.

Entre os mitos e lendas locais, uma história bastante conhecida é a de Romãozinho, que contam ter sido um menino muito levado. Segundo Vieira (2015), certo dia sua mãe pediu que ele levasse o almoço do pai que estava na roça trabalhando, mas pelo caminho, Romãozinho comeu toda a carne, deixando somente ossos para o pobre pai. O homem, que esperava cansado e com fome, questionou o filho sobre o almoço estranho, e este tratou de colocar a culpa em sua mãe, dizendo que a própria mandara somente os ossos porque ele só merecia comer aquilo. Indignado, o pai de Romãozinho voltou para casa e espancou sua mulher até a morte. Diante da cena, o menino endiabrado começou a rir, e a mãe, já em seus últimos suspiros, jogou uma praga no filho, dizendo que ele ficaria para sempre no mundo, perseguindo as criaturas e nunca teria descanso.

Desde então, contam que Romãozinho vive vagando pelo mundo e fazendo todo tipo de estripulia, jogando pedra nos telhados, derrubando e quebrando objetos, cuspidando nas panelas e apagando o fogo, entre várias outras peripécias. Essa história costuma ser contada com o intuito de educar as crianças, para serem bem comportadas, obedientes, respeitar os pais, cumprir com suas obrigações, aprender a não mentir e a dividir as coisas.

Santos protetores, aves agoureiras, “faz mal”, são credíes poderosas para os cidadãos mais velhos que vivem em Alvorada do Norte. Por lá é muito comum ouvir dizer que faz mal socar em pilão vazio, estaria agourando a morte da mãe, ou então se o galo cantar fora de hora ou o cachorro uivar, sinal de mau agouro em família. Algumas práticas cotidianas conhecidas nesse sentido que passam de geração a geração é dizer que colocar uma vassoura detrás da porta se livra de uma visita inconveniente, ou quando alguém está engasgado, basta bater três vezes nas costas da pessoa e repetir “São Braz! São Braz! São Braz”! que segundo dizeres tradicionais locais, é o santo que defende do mal do engasgo. (VIEIRA, 2015)

O saber cultural folclórico é de todo importante, pois apesar de ter várias versões Brasil adentro, cada local tem sua própria característica que o regionaliza, tendo assim uma identidade tradicional dessa região. Todos esses saberes têm uma sacralização de um valor intencional, com intuito de educar, condicionar comportamentos e explicar acontecimentos sem utilizar conhecimentos científicos, usando apenas a vivência e experiências para se orientar.

## 2.6 Escolhas Metodológicas

A percepção ambiental de determinada comunidade pode ser coletada e problematizada por meio de aplicação de questionários, realização de entrevistas, rodas de conversas, mapas mentais, representações bibliográficas e fotográficas, além de outros métodos. Como base para definição e explicação dos conceitos dos aspectos metodológicos em que se encaixam esta pesquisa, foi usada como principal referência a quarta edição, impressa em 2002, da obra de Antônio Carlos Gil, intitulada “Como elaborar projetos de pesquisa”.

Este trabalho busca analisar e interpretar os dados coletados junto aos moradores do campo da pesquisa durante o período do dia 20 a 22 de maio de 2017, na cidade de Alvorada do Norte - que foi escolhida por estar na parte acima do rio Corrente - e na comunidade rural Três Rios, que fica a 25 km do município em questão - escolhida por estar localizada na parte de baixo do rio - mas ambas dividem a mesma região, o mesmo bioma e o mesmo clima. Portanto, foram entrevistados moradores na área urbana e na rural, no mesmo município.

A pesquisadora saiu no dia 20 de maio de 2017 (sábado), pela manhã, e foi em direção à comunidade rural Três Rios. Chegando lá, em uma das casas já encontrou três pessoas que se encaixavam nos perfis procurados para as entrevistas, as quais aceitaram contribuir e falar um pouco sobre sua percepção acerca do ambiente onde vivem e contar suas memórias. Logo mais à frente a pesquisadora chegou a outra fazenda onde encontrou uma quarta pessoa que aceitou dar seu relato sobre sua vida em torno do rio Corrente.

Para ir até os entrevistados da área urbana, a pesquisadora saiu nos dias 21 e 22 de maio de 2017 (domingo e segunda-feira). Foi andando pelas ruas e, ao ver uma pessoa que se encaixava nos critérios da entrevista, explicava do que se tratava o estudo e convidava-os a contribuir com a pesquisa.

Foram usados dois critérios para escolha das pessoas que seriam entrevistadas: a proximidade de onde residem com relação ao rio e à idade, pois os mais idosos teriam mais convivência e conseqüentemente se encaixariam melhor no contexto das perguntas formuladas pela pesquisadora. Um total de doze (12) pessoas foram entrevistadas, sendo cinco (5) mulheres e sete (7) homens. Quatro (4) entrevistas foram na comunidade rural Três Rios e oito (8) na zona urbana, como exemplifica a tabela a seguir:

**Tabela 1: Amostra de grupos entrevistados**

<b>Entrevistado</b>	<b>Localidade</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Tempo que reside próximo ao rio</b>
Morador 1	Zona rural	70	M	70 anos
Morador 2	Zona rural	54	M	54 anos
Morador 3	Zona rural	57	M	Morou quando criança; saiu por um período e retornou há 6 anos
Morador 4	Zona rural	75	M	35 anos
Moradora 5	Zona urbana	54	F	18 anos
Morador 6	Zona urbana	56	M	46 anos
Morador 7	Zona urbana	45	M	45 anos
Moradora 8	Zona urbana	57	F	30 anos
Moradora 9	Zona urbana	44	F	28 anos
Morador 10	Zona urbana	64	M	55 anos
Moradora 11	Zona urbana	65	F	42 anos
Moradora 12	Zona urbana	44	F	27 anos

Foi utilizado um gravador para registrar os relatos dos entrevistados, e as entrevistas duraram em média quinze (15) minutos. Os moradores foram identificados numericamente para não expor seus nomes, e a cada resposta será identificado o entrevistado através dessa numeração. Nos relatos transcritos, optou-se por manter a forma que cada palavra foi dita pelas pessoas entrevistadas, não se adequando à norma culta e ao padrão da língua portuguesa.

A pesquisadora sentiu diferença na aproximação com as duas comunidades. Para explicar aos ribeirinhos da comunidade rural sobre o que se tratava a pesquisa, tiveram que ser usados conceitos mais informais, se adequando à linguagem mais simples, sem termos técnicos para que pudessem compreender o que era esperado das perguntas e respostas. Quanto às pessoas da área urbana, compreenderam com mais facilidade os termos mais formais e o intuito deste estudo.

O estudo realizado no município de Alvorada do Norte propõe investigar e explorar a compreensão de percepção ambiental de uma população que vive às margens de um rio, por esse motivo, se caracteriza como uma pesquisa de caráter exploratório. Segundo Gil (2002),



esse tipo de pesquisa tem como objetivo “proporcionar uma maior familiaridade com o problema encontrado, torná-lo mais explícito, aprimorar ideias e descobrir intuições”.

Estudos como esses geralmente contam com levantamentos bibliográficos, que para este presente trabalho, foi investigado nas bibliotecas locais registros e livros sobre a situação do rio e do histórico da cidade.

Conta ainda com entrevistas realizadas com pessoas que tiveram experiências práticas com o tema, moradores locais que tiveram suas vivências marcadas por acontecimentos e lembranças, desde a infância – para os que nasceram e foram criados no município – até os dias atuais. E por último, conta com análise de exemplos que estimulem a compreensão, que aqui se aliam aos relatos já descritos no momento das entrevistas.

Além de ser qualificado como pesquisa de caráter exploratório, este trabalho se encaixa também como pesquisa de caráter explicativo, pois aqui busca explicar o comportamento das pessoas frente aos problemas ambientais da região. “Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, já que explica a razão, o porquê das coisas” (Gil, 1946). Então, independente do nível de percepção ambiental de cada entrevistado, será explicado o porquê desse tipo de percepção; as respostas serão alcançadas com as entrevistas e conversas entre os moradores e a pesquisadora.

Quanto aos métodos de acesso aos dados, se caracteriza como pesquisa documental, pois a pesquisadora recorreu a dados e documentos oficiais da prefeitura e do Estado de Goiás, disponíveis na internet e impressos em formato de livros. “Nesse tipo de pesquisa, as fontes são mais dispersas e diversificadas, e os dados obtidos podem ser reelaborados de acordo com os objetivos do estudo” (Gil, 1946).

As informações são classificadas em dados de “primeira mão”, que são aqueles que ainda não receberam nenhum tratamento analítico, e nesse caso foram usados além de fotografias antigas, registros pessoais, memórias e relatos.

A segunda classificação recebe o nome de dados de “segunda mão”, que já passaram por uma análise, como os próprios livros que contam a história da região, relatórios, entre outros. A pesquisa documental apresenta algumas vantagens que para Gil (1946) são:

“Primeiramente há que se considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. Outro ponto é o custo da pesquisa, como a análise de documentos, em muitos casos, além da capacidade do pesquisador, exige apenas disponibilidade de tempo, o custo da pesquisa torna-se significativamente baixo.” (Gil, 2002, p. 46)

Falando ainda sobre o método de acesso aos dados, o estudo se encaixa como bibliográfico, já que buscou junto às bibliotecas locais registros e obras sobre a situação passada e atual do rio e o histórico da região, além de ter como base artigos científicos utilizados pela pesquisadora para compor o referencial teórico. A pesquisa bibliográfica é realizada com base em “materiais já elaborados, e apresentam contribuições de diversos autores sobre determinado assunto, e elas podem ser compostas de livros, publicações periódicas e impressos diversos” (Gil, 1946). O estudo também se encaixa como pesquisa observacional, porque a pesquisadora foi a campo para ver o modo de viver das pessoas e passou grande parte da vida morando na cidade de Alvorada do Norte, então já tinha uma observação anterior e memórias que ajudaram na composição deste.

Quanto ao método de acesso às fontes, a pesquisa se caracteriza como estudo de campo, pelo fato de que o rio, a cidade e uma amostra da população serão os objetos da pesquisa, o que remete a buscar dados e informações junto aos moradores, lideranças, bibliotecas locais, casas de leitura e cultura, igrejas, sindicatos, escolas entre outros. Esse método busca estudar um único grupo amostral em termos de estrutura social e ressalta a interação e semelhança entre seus componentes, que nesse caso será utilizado o grupo de moradores que moram às margens e próximos ao rio Corrente, na cidade de Alvorada do Norte e na comunidade rural Três Rios. Para Gil (1946), “o estudo de campo focaliza uma comunidade [...] onde a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações”.

É um estudo de caso porque utilizará a relação entre a população e o rio como um estudo a ser problematizado, ou seja, será um caso a ser investigado. O estudo de caso se aprofunda mais em um ou poucos objetos, visando seu amplo e detalhado conhecimento. Para Gil (1946), esse tipo de estudo é crescente no âmbito das ciências sociais e tem diferentes propósitos, como:

“Explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; preservar o caráter unitário do objeto estudado; descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; formular hipóteses ou desenvolver teorias; e explicar as variáveis causais e determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitem a utilização de levantamentos e experimentos” (Gil, 1946, p. 54)

Um estudo de caso faz com que geralmente o pesquisador utilize uma variedade de dados coletados em momentos diferentes ou por meio de diversas fontes de informação. Tem

como técnicas fundamentais de pesquisa a observação e a entrevista (Godoy, 1995). Durante o andar da pesquisa, podem ser produzidos relatórios para auxiliar na captação dos dados. Esses relatórios podem ser elaborados em um estilo mais informal, como um rascunho mesmo, contendo citações, exemplos e descrições acerca do tema estudado, fotos, desenhos e tudo que ajudar no detalhamento do caso.

Os dados usados são caracterizados como qualitativos, à medida que a percepção ambiental insere-se no campo da subjetividade. A pesquisadora foi a campo para captar o fenômeno principal desta pesquisa a partir da perspectiva das pessoas nele inseridas, considerando todos os pontos de vista, todas as respostas, opiniões e observações. Uma pesquisa que se caracteriza como qualitativa tem foco no aprofundamento da compreensão do assunto estudado, e não é necessária a inclusão de dados estatísticos e numéricos.

Quanto à técnica de coleta de dados, foi realizada uma entrevista com uma amostra de moradores locais, deixando-os à vontade para falar acerca dos assuntos de um roteiro pré-estabelecido (ANEXO 1), prestar seu depoimento sem algum possível constrangimento ou intimidação, caso não soubessem responder.

Os dados levantados na bibliografia e os coletados nas entrevistas por meio das narrativas serão interpretados, analisados e problematizados no capítulo a seguir.

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÕES

Alvorada do Norte é uma cidade pequena do interior, onde ainda se encontram cenas das crianças brincando na rua ao entardecer, na porta de casa, enquanto as mães ficam sentadas nas calçadas conversando com as vizinhas, sem o movimento intenso e sem a correria do dia a dia das cidades grandes. Lá não é preciso acordar duas ou três horas antes do horário de dirigir-se ao trabalho devido ao trânsito intenso. Na cidade ainda existem as “mercearias”, pequenos supermercados onde certamente o dono já conhece seus clientes e acaba cultivando uma amizade entre eles.

Apesar de ser pequeno, o município tem seu potencial para contribuir e fazer diferença no movimento da economia na região. Seus símbolos religiosos mais marcantes são a festa do Divino Espírito Santo, acompanhada da folia de rua e da roça, e esse evento movimenta e alegria a vida dos moradores, contribuindo para o fortalecimento de suas crenças e fé.

Alvorada conta ainda com a festa da Santa padroeira, Nossa Senhora da Guia, que também tem data certa para celebração e adoração especial. Outra ação religiosa que é tradição no município se dá na chegada da Semana Santa, as pessoas sobem a serra na Quinta-Feira Santa. Chegando lá, dirigem-se à imagem do Cristo para pagar promessas e agradecer pelas graças recebidas.

Além dos símbolos aliados à espiritualidade, as festas tradicionais culturais também compõem a biorregião de Alvorada do Norte. Anualmente são realizadas as festas em comemoração ao aniversário da cidade com diversas atrações, e o evento é conhecido como um carnaval fora de época, que acontece geralmente na última semana de outubro e atrai visitantes de toda região.

A tradicional “Cavalgada do Corrente” também é um evento anual que reúne um grande número de participantes e admiradores, com o objetivo de integrar a população com o meio rural para fortalecimento do espírito sertanejo. A concentração acontece na Fazenda Furna Grande, em seguida saem pela cidade passando por determinados pontos, até chegar ao ponto final.

Adentrando nas casas mais antigas, nota-se nas paredes das salas fotografias de artistas, recortes de revistas de atrizes famosas, ícones de beleza dos anos passados, que se misturam a fotos de familiares – principalmente retratos antigo dos pais - quadros de santos e

santas que estão ali como forma de proteção, de esperança. “É neste espaço da casa que a mítica ribeirinha revela seus segredos, e no meio deste espaço, se concretiza o território intermediário da luta humana protegida pelas suas divindades” (Sato, 2005, p. 40). As rezas e cantorias têm ligação forte com o sagrado, e entre as festas e acontecimentos de maior expressividade, os de caráter religiosos têm grande influência sobre os moradores locais, alimentando a fé e a devoção da população.

A relação entre homem e espaço é construída através do passar do tempo e de momentos vividos. São os acontecimentos, sejam eles bons ou ruins, que marcam e ficam na memória, despertam a sensibilidade e a percepção das pessoas.

Os depoimentos obtidos serão aqui categorizados em grupos temáticos para melhor descrição da percepção socioambiental e dos sentimentos dos moradores para com a cidade e o rio Corrente, e foram agrupados de acordo com o contexto de cada pergunta elaborada utilizada no roteiro de entrevistas.

### **3.1 A percepção socioambiental dos moradores**

As correntes filosóficas que compõem o campo de estudo da percepção ambiental são o biorregionalismo, pertencimento e topofilia, como já foi citado. Cada uma dessas correntes abrange elementos que as definem, e nos tópicos seguintes cada uma será abordada de maneira particular e ao mesmo tempo interligando-as com os relatos dos entrevistados.

O saber científico é formulado a partir do saber popular, segundo González (2006), e para melhor compreensão deste campo de estudo, considera-se o meio ambiente e as populações que nele estão inseridas, porque o foco é a relação homem-natureza. Sendo assim, o principal instrumento para avaliar essa relação são as experiências vividas.

Relatos, histórias de vida e o imaginário, são componentes da construção da relação ser humano-natureza, seja individualmente ou coletivamente. Símbolos paisagísticos locais surgem nas lembranças, se tornam pontos de referência, levam as pessoas a recordar momentos vividos que marcaram e foram importantes para cada indivíduo. A beleza do lugar, a satisfação de estar ali, o sentimento de tranquilidade, confiança, segurança e pertencimento só tende a fortalecer essa relação. Neto (1999) diz que tudo isso pode ser entendido como fonte atuante da ideia e da representação mental da imagem, fato que está exemplificado nos relatos de alguns moradores:

*“[...] quando era criança banhava, pescava no rio, pra tomar banho era no rio, tem lembranças boas demais. Nascido e criado aqui, o tempo que dava muito peixe, nem vendia, era só pra comer [...] ficava o varal de peixe seco pra gente comer ai, era só isso e pronto, era bom demais [...]” (Morador 1, 70 anos, 70 morando próximo ao rio)*

*“Pra mim é ótimo, é a maravilha de tudo. Porque a coisa maravilhosa que tem é isso, se Deus vai preparar pra nós, nasce outro, se cai a folha ele renova de novo, então é uma coisa maravilhosa... você tem um jardim bonito, secou, agora é um jardim feio, mas mesmo assim você ama, você tem o sonho de criar ele de novo, então se você zelar fica bonito... é igual o nosso, se nós zelar fica bonito para sempre.” (Morador 2, 54 anos, 54 morando próximo ao rio)*

*“[...] gosto demais da minha região. Quem quiser falar que a terra é fraca pode falar, mas eu gosto muito... pra mim tudo é bom, tudo é riqueza, nunca vou falar assim: o meu lugar lá é pobre ... eu sou pobre de espírito porque não dou conta de fazer uma (palavra inaudível) mas se plantar dá”. (Morador 3, 57 anos, morou a infância toda próximo ao rio, mas saiu e retornou novamente há 6 anos)*

*“Pesco muito no rio, adoro pescar no rio [...]” (Morador 6, 56 anos, 46 morando próximo ao rio)*

Os relatos demonstram e valorizam a beleza do rio e da região no geral, ressaltam a fertilidade da terra, caracterizando-a como uma terra “rica”, daquelas que tudo que se planta dá, e ao mesmo tempo remete à religiosidade, agradecendo a Deus pelo “presente”. A imagem do rio e da cidade representada por cada um traz de forma subjetiva sua visão, esclarece a sua relação íntima com a cidade e o rio Corrente.

### **3.2 Lendas e causos no mosaico biorregional de Alvorada do Norte**

Os elementos que descrevem o biorregionalismo são encontrados no cotidiano da população de Alvorada do Norte, principalmente no meio rural. As casas, as festas, as tradições, as lendas e mitos e a religiosidade compõem esse meio biorregional e reforça o que Sato (2005) diz “no mosaico biorregional, existe uma enorme variedade de lendas e “causos” que se aliam à espiritualidade, ressaltando santos padroeiros e mexendo com a fé e a crença dos moradores”. A sequência de imagens abaixo representa os símbolos biorregionais da cidade de Alvorada do Norte, passando pela paisagem, a religiosidade, as representações das lendas, até os detalhes das casas mais antigas:

**Figura 5: Imagem aérea de parte do rio Corrente, em Alvorada do Norte**



Foto de Luiz Henrique Parahyba, 2012

**Figura 6: Igreja Nossa Senhora da Guia e Praça Matriz**



Foto de Luiz Henrique Parahyba, 2016

**Figura 7: Detalhes das casas dos moradores mais antigos, ressaltando a simplicidade**



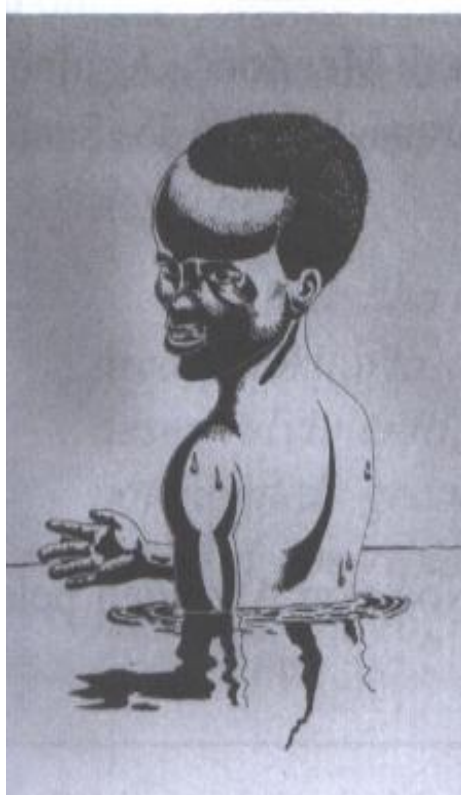
Foto de Sinara Oliveira, 2017

**Figura 8: quintal típico da zona rural, com árvores frutíferas e animais soltos**



Foto de Sinara Oliveira, 2017

**Figura 9: Imagem meramente ilustrativa do Nego D'água (lenda local)**



Fonte: [formosahistorica.blogspot.com.br](http://formosahistorica.blogspot.com.br)  
acesso em 12 de junho de 2017



As lendas locais que passam de boca a boca remetem a uma aproximação com os entes da natureza, mas sempre acompanhadas de um tom de intimidação, de medo, mas sobretudo, de respeito ao meio ambiente. Como cita Vieira (2015), na mitologia popular as forças da natureza atuam fortemente influenciando comportamentos sobre as pessoas, que desde criança já são embaladas sob a obediência a essas forças, educadas de acordo com a psicologia do respeito. Essa compreensão pode ser observada no relato do morador 4, (75 anos) e resgata os símbolos biorregionais defendidos por Sato (2005). O entrevistado citou um conto magnífico que segundo o próprio, vivenciou quando era adolescente:

*“[...] eu estava com idade olha, quer ver, dos 15 aos 16 anos, vamos botar 16 anos... dia de São José, que é 19 de março, numa reza de São José, e aí nós era em dois, aí nós era compadres, e ele falou “olha compadre, eu vou pra reza e você fica pegando os passarinhos no meu lugar?” e eu falei, fico, mãe também vai, aí eles foram e eu fiquei. E tinha uns cachorros mais eu, aí tava chovendo, invernado... eu vou tanger os periquitos assim ó, e tinha um pau seco, que chama tamburi, e eu subi na galha dele, e tô lá em cima comendo umas goiabas, e mais na beira do rio tem uma árvore que chama Moreira, torta no rumo do rio, e aí eu tô escutando a zoadá dentro da água, Tibum! Tibum! Tibum!, e eu desatei e vou lá olhar, cheguei lá tinha um nego, nu, preto, da cabeça pelada, descansado no pau assim e fazendo assim Tibum! Tibum! Tibum! (demonstração batendo os pés) mais moço ó, cada uma marca de peito, e eu cheguei e olhei, olhei e disse, uai, mas como essa pessoa é doida assim? E eu tava com um estilingue, e ele tava assim, como daqui lá no morro de pau (mostrando a noção da distância), e eu botei o pé lá, e eu puxei o estilingue, a pelota bateu nas costas dele... ele virou a cabeça pra baixo e o pés pra cima... alvinho, o pé branco, e eu observei que esses dedos aqui tudo era pregado, parecendo pé de pato, ele só fez assim (gesto de mergulho), e aí virou os pés assim (gesto com as mãos), e aí sumiu... e eu falei, será que isso é um nego d’água que o povo mais velho fala? É nada [...] aí lá vem água, lá vem água, e eu tô sentado ali bem de boa com a minha camisa, um shortinho ruim, calçadinho de chinela, debulhando milho e comendo, e a cachorra... tinha uma cachorra que chamava Medonha, e o cachorro chamava Feroz, aí os cachorros tudo aqui e eu jogando milho pros cachorros... com um pouco a cachorra arrepiou... arrepiou e virou assim pro fundo, aqui mesmo me aprumei, falei assim: é o bicho que vem atrás de mim. Olhei, olhei, olhei... não vi ninguém, falei, uai, e a cachorra arrepiou, depois falei: senta, Medonha. Aí parece que cochichou no meu ouvido “vai embora”, e estava uma chuvinha fina, e eu peguei as pelotas e botei na capanga, botei tudo aqui, e já fui saindo assim, fui saindo aqui, descia... mas a estrada beirava o rio, pra baixo, lá tinha um barreiro, porque o gado antigamente comia barro, e eu lá vou, ah, os cachorros voltando na frente ... o rio estava cheio, minha filha, o rio estava cheio, aí quando chego lá, tá um negão na beira do barranco desse jeito assim ó, e fazia assim: Shiiiu! Shiiiu! E os cachorros iam, aí quando ele me viu, virou assim e tum! dentro d’água, e eu falei, é o nego d’água, olha lá ... grandão, homão, homem de peito, o bicho era largo aqui assim, e só vi daqui pra cima (mostrando da cintura pra cima), pra baixo eu não vi, e virou e sumiu... mas tinha muita água naquele tempo. Só essas duas vezes que eu vi, olha, tem muitos anos, eu era menino, rapazinho novo... também não vi mais nada no Corrente não.” (morador 4, 75 anos, 35 morando próximo ao rio)*

Observem neste relato a riqueza de detalhes e o sentimento de respeito. Essas lendas e causos, segundo Sato (2005), compõem uma compreensão, um entendimento, sentimento de amor e conservação da natureza ao redor, a partir da observação deste local e seus sistemas naturais pelos próprios moradores.

Nego D'água e outros seres encantados que habitam o rio Corrente e suas margens assombram os moradores e mexem com a imaginação das pessoas, e tudo isso mostra que as expressões culturais se associam à dinâmica da natureza, mas tudo visto como uma forma de respeito, de proteção, como se esses seres protegessem as águas do rio e suas margens. Apesar da existência da lenda e da confirmação de alguns em ter visto esse ser folclórico, outros dizem que não existem bichos assim no rio Corrente, mas acreditam na existência de uma fera, algum ser que está ali para proteger as águas, conforme se vê nos relatos seguintes:

*“Meu pai falava que tinha Nego d'água, sucuri, tinha tudo mas não prejudicava. A sucuri, que é perigosa, nunca prejudicou aqui, nunca atacou, porque a gente já tinha um medo, tinha um respeito também.” (Morador 2, 54 anos, 54 morando próximo ao rio)*

*“[...] falavam que tinha Nego d'água, mas isso era conversa, é lenda. Isso não tem não, era só pra fazer medo, mas não tem não, se tivesse a gente já tinha visto, quanto tempo tem aí que a gente vai no rio e nunca viu, e era pra ter, né?! É lenda, não tem não. Não existe não. Tem alguma fera da água, mas nego d'água não. Fera tem.” (Morador 3, 57 anos, morou a infância toda próximo ao rio, mas saiu e retornou novamente há 6 anos)*

As histórias não se acabam, vão passando de geração em geração, como por exemplo a história do menino que se afogou nas águas do rio, e os bombeiros, ao fazer as buscas pelo corpo, encontraram uma cobra peluda vivendo nas águas do rio Corrente, e deixaram avisado que não voltariam mais lá por medo dessa tal cobra.

Conta-se ainda a história da “velha Nicassa”, que era uma senhora muito ruim e quando morreu, virou uma fera e foi morar dentro do rio, mais especificamente debaixo da ponte. São mitos como esses que despertam um sentimento de medo e ao mesmo tempo faz com que surja o respeito como um bem natural. Mas apesar desse sentido, não se pode ignorar o fato de que os personagens folclóricos da região fazem parte de um grupo que é excluído pela sociedade, que são os negros, os idosos e as crianças. Assim, o uso desses personagens estereotipados podem reforçar o preconceito e a exclusão de grupos sociais já vulneráveis.

O biorregionalismo busca a construção de identidades socioambientais voltadas para a própria localidade em questão, voltado à criação do senso de lugar, ao fortalecimento do enraizamento do indivíduo com o ambiente em que está inserido e tudo que dele faz parte. Assim como já foram citados os elementos marcantes desta filosofia ecológica, a pesquisadora pôde presenciar na prática acontecimentos simples, porém de ligação com a terra e a paz das biorregiões, como foi no momento em que seguiu em direção às casas próximas ao rio Corrente para entrevistar as pessoas: ainda a mesma cena de tranquilidade do interior, pessoas sentadas na calçada na frente de casa ao cair da tarde e a simplicidade na relação com o mundo natural.

### **3.3 Sentimentos topofílicos sob o olhar dos moradores urbanos e dos rurais**

Aqui desenvolve-se e problematiza-se dois olhares distintos em relação ao rio, a dos moradores rurais e dos moradores urbanos. O referencial teórico foi baseado principalmente nas obras de Tuan (1980), que criou o termo topofilia, e o associa a lugar e espaço, cada qual com seu significado diferente, sendo lugar descrito como um ambiente enraizado no passado e que se incrementa e lhe é atribuído valor com o passar do tempo, com as experiências e sentimentos. Já o conceito de espaço, defendido por Tuan (1980), diz que é algo sem ligações afetivas, sendo desprovido de valor sentimental, mas que pode se modificar se lhe for atribuído valor emocional.

Notou-se uma diferença entre os sentimentos topofílicos dos ribeirinhos que residem na comunidade rural Três Rios e os que vivem na área urbana. Os primeiros demonstraram de forma muito mais intensa uma ligação com o rio, com a terra e com o ambiente em geral, sendo possível perceber o amor nas palavras, a consciência de que é preciso cuidar para ter disponível sempre, mas ao mesmo tempo verificou-se uma tristeza e preocupação, ocasionadas pela degradação ambiental, como é apresentado nas narrativas seguintes dos moradores rurais:

*“[...] Se nós zelar, tem pra nós. Ter, agradecer, pedir a Deus proteja esse patrimônio pra nós usar [...] cidade grande igual Brasília não tem um córrego pra você chegar e ficar lá olhando pros lados, pro alto, as árvores, os pássaros [...] Amo esse lugar, muito, demais [...] fui pra Brasília, fui estudar pra lá [...] mas todo dia que eu vinha, que eu chegava, pra mim voltar depois era amarrado, eu chorava, pingava água do meu olho, porque isso aqui é muito maravilhoso, isso aqui é muito*

*bom, eu nasci e me criei aqui, meu pai criou essa família todinha [...]” (Morador 1, 70 anos, 70 morando próximo ao rio)*

*“[...] eles puxam muito, tiram muita água do rio [...] tem essas lavouras aí, colocam 5 pivôs, o que que sobra? Tem dia que o rio fica raso lá que você fica até assim... tristeza, malvadeza, que judia, e o que nós podemos fazer? Não podemos fazer nada... Senhor, será que esse patrimônio que Deus deixou pra nós, deixar acabar, só por que estão usando tudo lá, acham que os outros também não precisam sobreviver? Então eu quero que todo mundo cuide, nós e eles também. Tem aqui pra nós poder usar e ajudar a zelar o patrimônio, tem que cuidar.” (Morador 2, 54 anos, 54 anos morando próximo a rio)*

*[...] o problema da água, que joga lixo, povo não cuida, não zela ... é isso que nós precisamos muito, precisa demais ... a água está muito poluída, jogam lixo, isso prejudica nós... correndo o dinheiro, eles vão usar, e nós precisamos de quê? Nós vamos viver de quê? Nós precisamos de ter água pra poder usar, pra plantar um pé de planta, nós vivemos é disso, e vamos morrer aqui, porque vamos pra onde? Nós sabemos trabalhar é nisso aí, plantar um pé de pau, capinar, é enxada [...] Usar com cuidado... sobre lixo no rio a gente nem fala pra não prejudicar, porque eu fico doente, se eu ver um plástico eu pego, se eu ver um saco eu pego [...] vamos ajudar, vamos zelar isso aí, eu não quero jogar um caco de garrafa, então junta tudo, leva lá no lixeiro [...] tem a beira do rio pra nós, eu falo ó, vocês vêm, mas vocês cuidem, junta lixo e leva, porque prejudica nós e nosso patrimônio, pode usar mas tem que zelar”. (Morador 4, 75 anos, 35 morando próximo ao rio)*

Observamos que para os moradores rurais o rio e a comunidade Três Rios têm uma representação muito afetiva, faz parte da vida de cada um, lhe é atribuído imenso valor sentimental. Para Tuan (1980), tofília significa “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”, e a ligação que é percebida na fala dos moradores rurais com o ambiente físico é muito intensa e foi construída com base no aprendizado do dia a dia, com as experiências pessoais, com as imagens e memórias. A maneira como cada indivíduo descreve a comunidade rural Três Rios demonstra a forma que ele se relaciona com esse meio, cada qual vive sua realidade e tem sua própria visão. Nota-se nessas narrativas a forte presença de sentimento topofílico nesses habitantes rurais, uma vez que o afeto é imensamente percebido em cada detalhe narrado.

A comunidade de Três Rios é um lugar importante para esses moradores, porque lhe é atribuído valor. Foram ali suas experiências vividas, eles têm uma visão harmoniosa, subjetiva, amorosa, e são sensíveis no modo de ver, sentir, pensar, construir e admirar a paisagem.

O sentimento de pertencimento presente nos moradores rurais revela o quanto eles se sentem parte daquele lugar, e esse laço se fortalece ainda mais pelo fato de terem nascido e

sido criados ali, apesar de alguns terem saído para estudar, acabaram voltando e com o desejo de nunca mais sair dali. Eles sempre vivenciaram àquela paisagem, estão em contato direto todos os dias, ao sair no quintal de casa, ao ir à casa do vizinho ou quando vão trabalhar, o contato é imensamente forte.

Vivenciando desde sempre a paisagem do rio, eles notam com facilidade as mudanças sabem quando a água está fraca, quando está baixando, sabem dos peixes que diminuíram, e isso se comprova nos relatos seguintes:

*“Diferença da água, a chuva diminuiu muito também, né, porque antes chovia muito, agora encurtou a água também, encurtou a chuva, o rio era mais fundo. O povo está invadindo o rio demais pra pescar também, não tem nem peixe mais no rio, porque o povo invade demais, os peixes estão sumindo porque a água fica pouca e o povo vai demais no rio [...]” (Morador 1, 70 anos, 70 morando próximo ao rio)*

*“[...] e hoje eu estou falando: o rio está secando. De vez em quando dá pra passar cavalo e até a pé, porque diminuiu a água demais. Então o que acontece: eles fecham a água lá em cima e pra baixo, aqui pra nós fica sem água, a água está pouquinho, então tem muitas vezes que a água do rio está parada, nem correndo não está lá embaixo, só na cachoeira, mas lugar de remanso está paradinho [...]Eu estou achando também que os peixes estão mais poucos, porque eu acredito que tem veneno caindo no rio, porque se não tivesse os peixes miúdos seriam mais, os peixinhos miúdos a gente não está vendo, a gente vai no rio, você mexe, vira, joga uma pilera lá e não vê os peixes pra nada. O que está acontecendo? Alguma coisa eu acredito que está errada [...]”(Morador 3, 57 anos, morou a infância toda próximo ao rio, mas saiu e retornou novamente há 6 anos)*

As pessoas podem ser influenciadas pelos elementos do meio ambiente, e no caso da comunidade rural Três Rios, a principal influência é o rio Corrente. As árvores, as ruas e o próprio rio contêm histórias e lembranças que despertam um afeto emocional nos indivíduos ou na comunidade, coletivamente.

Um indivíduo que reconhece o município de Alvorada do Norte ou a comunidade rural Três Rios como um espaço, tem grande chance de ser um visitante ou um empresário que está ali somente para negócios, pois ele não tem uma ligação afetiva com a cidade, não tem experiências e lembranças marcantes que lhe façam ter uma consciência emocional, não é atento a detalhes que contam as histórias daquele ambiente. Então, na visão dele, Alvorada do Norte pode ser descrita como uma cidade pequena de interior, que possui um rio e serras ao redor como elementos ambientais e uma rodovia que corta a cidade.

Observando os relatos dos moradores da área urbana, percebe-se que o ambiente é visto como um espaço, pois apesar de terem dito que gostam da cidade e do rio e que acham

importante a presença deste para a região, não lhe é atribuído valor sentimental, não se nota o aprofundamento nos detalhes, como foi visto nas entrevistas com os moradores da área rural, e as perguntas foram respondidas de maneira mais objetiva e direta.

Alguns relacionaram essa indiferença a problemas sociais como falta de estudo e falta de oportunidade de emprego, e por esse motivo disseram que, se pudessem, até se mudariam para outra cidade.

Notou-se que outro aspecto que pode contribuir para esse diferencial de sentimento pode estar relacionado ao tempo de vivência e às experiências vividas no ambiente, pode ser o fato de que os entrevistados da zona rural são todas pessoas mais velhas, acima de cinquenta anos, e provavelmente por terem crescido e viverem a vida toda na beira do rio, têm mais memórias, têm um contato direto, enquanto os da zona urbana, apesar da vivência com o rio Corrente, têm outras coisas que desviam a atenção, uma televisão em casa, por exemplo, tomam o tempo de apreciar e sentir a paisagem no final do dia.

Apesar da consciência de manter o local cuidado e conservado, isso é feito mais exclusivamente em prol do cumprimento de um dever, e não por uma exigência que venha de dentro do indivíduo, uma necessidade de cuidado que contenha percepção afetiva, como afirma SANTOS (2016), como podemos observar em alguns relatos dos moradores urbanos:

*“Gosto de morar aqui, só faltava mais estudo... acho que deveria ter mais estudo aqui.” (Morador 7, 45 anos, 45 morando próximo ao rio)*

*“Eu não gosto muito de morar aqui não, porque não tem emprego bom, não tem estudo pra depois que terminar o ensino médio, faculdade não tem.” (Moradora 9, 44 anos, 28 morando próximo ao rio)*

*“Eu não gosto muito de morar aqui não, se eu pudesse, eu me mudava, mas como não posso, né?” (Moradora 12, 44 anos, 27 morando próximo ao rio)*

Veja que esses depoimentos ilustram uma relação um pouco mais distante com a cidade. Pode-se dizer que Alvorada do Norte para os moradores urbanos seja um espaço, pois não desperta nos indivíduos nele inseridos o sentimento de pertencimento. Para Tuan (1980), espaço é um local que não tem valor afetivo para quem o sente e percebe, mas pode ser mudado e ser transformado em lugar, de acordo com as experiências e da carga afetiva. Há grandes chances das lembranças desses habitantes não terem sido marcantes, não causando

nostalgia e nem despertando apreço algum, e terem sido apenas acontecimentos sem grande importância vividos ali.

### 3.4 O sentimento de pertencimento

Como França (2014) afirma, a cultura influencia que os indivíduos tenham determinados comportamentos, sensações e valores em relação à natureza. A cultura do trabalho braçal talvez seja um fator que aproxima os moradores e a terra, especialmente os ribeirinhos da comunidade rural Três Rios, pois desde que começaram a trabalhar, foi ali na roça, geralmente ajudando o pai com as pequenas plantações ou até mesmo pescando para sua própria subsistência.

Quando o indivíduo se sente parte do meio, o envolvimento afetivo colabora para que ele utilize de modo consciente os recursos naturais, pois ama aquilo que vê, que utiliza, sabe que precisa conservar para sempre ter disponível.

A pergunta que colocou em discussão esse pensamento foi a seguinte: *“Como você considera a paisagem que envolve o rio Corrente: agradável ou desagradável? Por quê?”* Os relatos abaixo demonstram a preocupação dos moradores no cuidado com o meio ambiente e quão satisfatória é a paisagem na visão de cada um deles:

*“A minha casinha é feia, lá onde eu moro, mas eu gosto dela, e outra coisa, se você plantar, tudo que plantou vem, eu plantei uns pés de coco quando eu cheguei aqui, 6 anos, já tem 3 anos que produz, laranja está produzindo, eu plantei depois que chegou, está produzindo, não é bom? Tudo que você planta vem, a mandioca só não prestou, mas no outro ano vai prestar, se Deus quiser.” (Morador 3, 57 anos, morou a infância toda próximo ao rio, mas saiu e retornou novamente há 6 anos)*

*“Eu gosto, acho bonito porque é sossegado, o rio, você está tranquilo, você dorme tranquilo... você quer pegar um peixe, você vai lá [...] então eu acho aqui de boa, graças a Deus, saio não...” (Morador 4, 75 anos, 35 morando próximo ao rio)*

*“Quando tá tudo verde, com chuva é agradável, quando tá na seca não é, porque fica tudo cinza, o povo põe fogo na serra e deixa ela feia.” (Moradora 11, 65 anos, 42 morando próximo ao rio)*

Alguns dos moradores entrevistados não puderam concluir os estudos, mas o conhecimento que eles têm sobre tudo que os rodeia veio da vivência, das experiências pessoais, no contato direto com o meio, não é um conhecimento científico, mas é rico em saberes que nem mesmo os cientistas e pesquisadores possuem.

Essas considerações dos relatos podem ser identificadas com aquilo que Tuan (1983) diz, que o lugar pode ser o velho bairro, a velha casa, a velha cidade ou a própria pátria. A beleza deste lugar é associada à tranquilidade, à conservação, à fertilidade da terra. Esses são argumentos que segundo os moradores, tornam a paisagem agradável e o local bom de se viver.

Assim, de acordo com Santos (2016), compreender as abordagens subjetivas que as pessoas desenvolvem acerca do meio do ambiente, por meio de suas experiências e histórias, é considerar que este já se transformou de espaço em lugar, onde tudo é mais pessoal, mais subjetivo, mais afetivo e dotado de grande valor sentimental, que foi construído e fortalecido durante a vida inteira.

### **3.5 O rio Corrente na vida dos moradores da comunidade rural Três Rios e da cidade de Alvorada do Norte**

Para estudar esse tópico, algumas questões foram formuladas e agrupadas no tema “importância do rio Corrente para os moradores”. Essas questões ajudaram a revelar a forma como as pessoas veem o rio Corrente, e nas respostas é possível observar se ele é visto como algo importante ou simplesmente um elemento espacial que compõe a paisagem.

Utilizando-se do pensamento que recorre à importância do rio Corrente para os moradores, a seguinte questão foi um estímulo a pensar sobre o rio: *O que o rio Corrente significa para você?* Entre as respostas, a maioria já dizia logo de início, de forma muito genérica, que o rio é muito importante. Os relatos a seguir demonstram o nível de significância do rio para cada indivíduo:

*“Pra mim tem grande importância, porque antes de eu ver poço artesiano, nós bebia água do rio, e lavar roupa, usava pra muitas coisas, era tudo. É importante pra nós.” (Morador 4, 75 anos, 35 de moradia próximo ao rio)*



*“Significa uma riqueza para nossa cidade, pois é de onde tiramos a água de nosso município e região”. (Moradora 5, 54 anos, 18 de moradia próximo ao rio)*

*“A maior riqueza que Alvorada tem e as pessoas não dão valor.” (Morador 6, 56 anos, 46 de moradia próximo ao rio)*

Percebe-se que eles veem o rio como algo precioso, relacionando também com o uso da água, têm a consciência de que esse recurso enriquece a região. Mas apesar das respostas diretas, objetivas e demonstrando importância, na fala do morador 6 já se nota que há algo errado com o rio.

Sato (1997) ao afirmar que o homem “aprende a se relacionar para enriquecer a qualidade de ser”, remete à relação do povo da comunidade Três Rios com o rio Corrente, pois o ser individualmente e coletivamente é dotado de valor, seja cultural, espacial, ambiental, tradicional ou social.

A outra pergunta do roteiro que compõe esse grupo buscou mergulhar no mais profundo das lembranças dos indivíduos, levando-os a relembrar velhos tempos, e aqui contaram momentos vividos, que nunca sairão da memória, os fizeram pensar em acontecimentos passados, e alguns citaram logo os momentos de infância, fase da vida em que muitas recordações ficam registradas na mente, falaram sobre as cheias e até chegaram a comparar a atividade do rio antigamente em relação aos dias atuais *“Qual é o momento que você considera mais marcante (bom ou ruim ou os dois) vivido no rio Corrente?”*

*“Teve muita boa e muita ruim. Porque quando ele enchia, às vezes quase que as muriçocas matam nós lá na roça, ele enchia. Naquele tempo tinha muita água e dava uma muriçoca braba de um tanto, isso aí era sofrimento... mas era bom por outras partes, pelo menos tinha água né, nós tinha brejo, tinha tudo, hoje os brejos secaram, acabou tudo por causa disso, a chuva diminuiu, a água baixou, o pessoal vai fechando a água que não tem. Tinha dia da gente nadar no rio dez vezes, pra lá e pra cá, era bom demais”. (Morador 3, 57 anos, morou próximo ao rio durante toda a infância, mas saiu por um período e retornou há 6 anos)*

*“O tempo em que eu era menino, tomava muito banho no rio, brincava...” (Morador 7, 45 anos, 45 de moradia próximo ao rio)*

*“Lembro de quando era moça, atravessava o rio, ia e lavava roupa no rio. Uma vez quase morri afogada com minha amiga quando fomos tentar atravessar o rio”. (Moradora 11, 65 anos, 42 de moradia próximo ao rio)*

Ao relembrar acontecimentos passados vividos no rio Corrente, os moradores começam a apresentar ou não sentimentos topofílicos, porque, por mais que não tenham experiências tão marcantes e boas, o enriquecimento nos detalhes dos relatos é um sinal da vontade de falar sobre o rio e querer contar suas experiências.

Observa-se nos depoimentos que cada um tem e teve suas experiências na comunidade rural, o que corrobora com o que expõe Santos (2016), as nuances topofílicas dos indivíduos é uma porta de saberes, porque cada um tem sua contribuição a fazer em relação à paisagem, cada um tem algum elemento que atribui maior importância, uma história para contribuir no enriquecimento do contexto do ambiente.

A próxima pergunta do roteiro que completou esse grupo fez os entrevistados imaginarem uma possível situação hipotética: *Se o rio Corrente deixasse de existir algum dia, faria diferença para você?* Todos citaram uma diferença negativa, um impacto, caso isso acontecesse algum dia. Eles viram um fim, tudo acabando junto com o rio caso isso viesse a se concretizar. Um dos entrevistados até fez uma comparação em relação aos animais que antes era comum de ser ver na região e hoje já não se vê com tanta facilidade:

*“Faria demais... o rio é a melhor parte que nós temos aqui, a gente precisa demais dele, não pode acabar não, ia acabar tudo junto se o rio secasse”. (Morador 3, 57 anos, morou próximo ao rio durante toda a infância, mas saiu por um período e retornou há 6 anos)*

*“[...] se ele secar aí eu vou falar pra você, não tem poço artesiano que segura, acaba tudo, [...] não planta mais nada, quero ver, só Deus... Antes tinha mais peixe, com certeza tinha mais peixe [...] quando era no tempo que o rio enchia era riqueza que caía nessas lagoas aí, ó, cheio de peixe, facinho pra você pegar... agora tchau e bença, acabou, tá é adulando os peixes ó, mói o milho no motor, faz o pilera, joga lá e aí junta aquele tanto de peixinho pequeno, não é aqueles velhos antigos mais não, os antigos eram jaú, era surubim, nem sucuri não tem mais, já sumiu porque tem pouca água, onde é que vai ficar? Via antes sucuri que saía pra fora. Quando o rio enchia, aqui assim no fundo de Régis (proprietário da fazenda onde a entrevista estava sendo feita) aqui tem uma lagoa, e via jacaré, ficava por aí, sucuri, corria porco aí, ficava tudo aí, agora não tem mais porque não tem água, a água não chega...”. (Morador 4, 75 anos, 35 de moradia próximo ao rio)*

*“Muita diferença, melhor coisa que Alvorada tem... Alvorada acaba.” (Morador 8, 57 anos, 30 de moradia próximo ao rio)*

*“Alvorada pra mim é tudo, fui criado aqui, é como se fosse uma namorada, eu amo demais [...] Tem que cuidar do rio como se fosse um filho, manter limpo, não jogar lixo. [...] se ele secasse eu secaria junto, porque ninguém vive sem água.” (Morador 6, 56 anos, 46 morando próximo ao rio)*

Se essa situação chegar a acontecer um dia será o fim de uma região inteira, pois o rio Corrente, além de ser afluente do rio Paranã, tem importância em todos os aspectos: ambientais, sociais, culturais, econômicos, de lazer, entre muitos outros. Uma região que sempre foi banhada pelas águas sofreria drasticamente e viraria um deserto com a morte de um rio, a fauna, a flora, as pessoas, todos estariam condenados.

Nas narrativas nota-se o senso de pertencimento que vem acompanhado de uma dependência do rio para a sua sobrevivência. Sempre sobressai o aspecto do sentimento enquanto os fatos estão sendo contados, relacionam o cuidado com o rio Corrente como o cuidado com alguém da família. Alguns dizem que secariam junto com o rio, caso ele morresse; outros dizem que não se plantará mais nada, a cidade acaba. Eles avaliaram a situação e tiveram noção da importância não só ambiental, mas sabem que uma cidade que perde um bem grandioso como esse está condenada a um futuro incerto.

Os habitantes urbanos não dependem exclusivamente do rio para plantar e pescar, mas a presença desse elemento natural na cidade faz toda a diferença até mesmo para o clima, pois Alvorada do Norte é um município onde a temperatura ambiente é muito elevada na maior parte do ano, e esse fator se agrava porque a cidade fica no vão entre duas serras, uma de cada lado, e isso bloqueia a passagem do vento, desfavorecendo a ventilação e agravando o calor.

Por esse motivo, o rio Corrente é muito usado como lazer, principalmente nos fins de semana, quando os banhistas se refrescam em suas águas para amenizar o calor, mas não fica por aí, o rio também é um grande atrativo turístico para os visitantes que movimentam a economia da cidade, especialmente em épocas de festas tradicionais.

Partindo deste princípio e seguindo a linha de raciocínio, foi questionado aos moradores *“Como você caracteriza o município de Alvorada do Norte? (aspectos ambientais, sociais, econômicos, entre outros)*. As respostas foram bem resumidas, como mostra os seguintes depoimentos:

*“De ambiental tem a serra e o rio que faz parte da paisagem, econômico tem os mercados, as lojas, os escritórios e outras coisas aqui que gera renda pra cidade.” (Moradora 9, 44 anos, 28 morando próximo ao rio)*

*“Aqui tem de ambiental o rio, a serra que precisa de mais cuidado... a nossa economia tem os comércios aqui...” (Moradora 11, 65 anos, 42 morando próximo ao rio)*

*“De ambiental eu acho que precisa cuidar mais, algumas partes da beira do rio não têm mais árvore, tinha que cuidar mais. De econômico eu acho que é pouco, não movimenta muita coisa não” (Moradora 12, 44 anos, 27 morando próximo ao rio).*

Esses depoimentos podem ser entendidos e comparados com o que Sato (2005) diz sobre a comunidade rural de Mimoso, no Pantanal, descrevendo seus aspectos econômicos, sociais, ambientais e tradicionais. Quando a autora diz que Mimoso é uma localidade distante do ruído das fábricas, da poluição e do trânsito exacerbado, e que seus habitantes se recusam a ser excluídos da “qualidade de vida”, isso remete ao sentimento de reconhecimento que alguns moradores apresentaram em relação à cidade de Alvorada do Norte, visto que questionam no tópico que trata de sentimentos topofílicos deste trabalho, o fato de não ter bons empregos, não ter oportunidade de cursar uma faculdade, e os relatos citados aqui complementam e enfatizam que a questão ambiental necessita de mais atenção.

### **3.5.1 “Tá puxando muita água do rio”: o conflito pelo uso da água**

Ao elaborar uma pergunta que possibilitasse aos entrevistados abordar os problemas do rio, a pesquisa não esperava deparar com uma questão de conflito socioambiental.

Dentre os vários problemas citados e identificados durante a realização desta pesquisa, sobressai o conflito pelo uso da água entre as fazendas latifundiárias de agricultura moderna, implantada nos últimos anos e a comunidade local, que pratica agricultura familiar, portanto, menos impactante.

Ao serem questionados sobre a existência de problemas no rio Corrente, os moradores de imediato já citavam que a agricultura em grande escala modificou muito a paisagem, reduzindo a quantidade de água no rio, o número de peixes, e fazendo o Cerrado dar lugar às monoculturas.

Mas essa problemática não é simples, pois inclui atores externos, que são os investidores, donos das lavouras implantadas, que em sua maioria não residem na cidade de Alvorada do Norte e nem na comunidade rural Três Rios, não tendo então sentimento de pertencimento, resultando na compreensão do meio ambiente como um espaço.

Três perguntas foram indagadas seguindo o assunto: *“Você acha que existe algum problema com o rio atualmente? Se sim, quais”*; *“Na sua opinião, quais cuidados a população deveria ter com o rio”* e *“Quais mudanças você percebeu que ocorreram no rio desde quando você era criança / conheceu o rio, até os dias de hoje?”*

Notou-se nos relatos dos entrevistados a percepção da dimensão do impacto causado por esta atividade, como aponta os depoimentos de alguns moradores:

*“O rio pra nós é muito bom, só que tem um problema, o povo tá puxando muita água do rio, nós estamos sentindo falta da água do rio. Tá diferente demais, o rio tá ficando seco, muito pivô puxando água do rio pra fora [...] tinha que ter cuidado com esses negócios desses pivôs, pra não puxar a água do Corrente, senão daqui uns anos ninguém acha mais água no rio...” (morador 1, 70 anos, 70 anos morando próximo ao rio)*

*“[...] pode passar por algum problema se Deus encurtar a chuva, se não chover mais e o povo usar a água vai fazer falta... os pivôs lá em cima puxam a água do rio, eu não sei se é problema, mas fazer falta faz, porque a cachoeira aqui enfraqueceu, tem dia que zoa, tem dia que não zoa..”. (Morador 4, 75 anos, 35 morando próximo ao rio)*

*“Muita mudança, mudou o curso do rio em alguns pontos, alguns lugares secaram, tem lugar que dá pra ver as pedras do fundo do rio... tem lugar que tem diferença de mais de 5 metros [...] todo mundo deveria ter participação, principalmente os donos das lavouras, porque as lavouras acabaram com os brejos, tira a proteção do rio, mata as nascentes.” (Morador 8, 57 anos, 30 morando próximo ao rio)*

Segundo Melazo (2005), a importância de estudar a percepção ambiental de determinada biorregião faz com que seja melhorada a relação ser humano-natureza, portanto, nota-se que a percepção ambiental já existente nesses moradores possibilita que eles identifiquem os problemas com maior facilidade e tenham noção da mudança que aconteceu com o decorrer dos anos.

Nota-se que a percepção socioambiental presente nesses indivíduos é bastante benéfica e intensa, e cada um percebeu ao seu modo de ver, de acordo com suas expectativas e valores. Um citou mudança no curso do rio em alguns trechos e a facilidade em ver as pedras que antes ficavam no fundo do rio Corrente, outro disse que a água da cachoeira está mais fraca, e assim foram descrevendo os problemas do rio Corrente.

Assim, podemos compreender que a ação de Gestão Ambiental em um território com indivíduos que possuem esse nível de percepção da natureza e dos problemas socioambientais pode obter mais resultados práticos e satisfatórios.

Projetos de agricultura implantados na região são a grande queixa dos entrevistados, um grave problema e se não o maior que acomete as águas do rio Corrente. Apenas passando pelo caminho que leva à comunidade rural dos Três Rios, se nota o avanço da fronteira agrícola, que começou a se espalhar rapidamente por volta de 2014.

As interferências antrópicas que ocorreram na região em estudo reconfiguraram a construção da paisagem local, com mudanças ambientais convertendo a vegetação nativa e

trazendo imensas monoculturas, sociais, ocasionando o rompimento das relações que foram construídas com o decorrer do tempo, e culturais, com a retirada ou deslocamento de pontos de referência físico-sentimentais.

Como relatam os entrevistados, a paisagem que antes era natural, deu espaço a plantações de soja, milho, feijão e outras culturas. Os ribeirinhos da comunidade rural Três Rios não estavam acostumados a dividir o espaço com as grandes monoculturas. Para eles o Cerrado por si só já fornecia o suficiente para sua sobrevivência, claro que alguns sempre tiveram em seu pedaço de terra um lugar reservado para plantar uma horta ou o que precisassem, mas não a ponto de devastar de maneira tão trágica a paisagem.

Já os moradores da área urbana, apesar de ter conhecimento da presença das lavouras, não descreveram com tamanha precisão de detalhes essa mudança, mas isso talvez se justifique pelo fato de que os habitantes da zona rural vivenciam a paisagem e apreendem o seu conteúdo visual, subjetiva e afetivamente.

Como gestora ambiental, a pesquisadora acredita que a presença dos pivôs nas proximidades do rio Corrente acarreta não só problemas ambientais, mas também sociais e culturais. Durante as entrevistas notou-se que a mudança drástica na paisagem gera sentimento de tristeza e injustiça ambiental nos moradores, pois durante os relatos, eles demonstraram inferioridade em relação aos donos das lavouras, demonstraram não ter voz para opinar sobre as instalações que estavam sendo feitas, se justificando dizendo ser pobres e não poder fazer nada para impedir a ação de quem tem dinheiro.

O ideal para que essa situação não chegasse ao ponto que chegou seria que antes da implantação das lavouras fosse realizada uma consulta pública, principalmente com os ribeirinhos da comunidade rural Três Rios, local onde as plantações se fixaram. A partir daí poderiam ser desenvolvidas ações para mitigar os impactos e fazer com que os problemas ambientais e sociais fossem amenizados. A imagem a seguir mostra o contraste entre Cerrado e lavoura na estrada que conduz à comunidade rural Três Rios, cenário este que passou a estar presente na vida dos ribeirinhos.

**Figura 10: Trecho da estrada que leva à comunidade rural Três Rios: contraste entre Cerrado nativo e lavoura**



Foto de Sinara Oliveira, 2017

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões sobre a problemática ambiental abordam aspectos sociais e econômicos, além do ecológico. Por esse motivo, não é simples discutir ações que envolvam o meio ambiente, principalmente quando existe algum problema, pois é necessário levar em consideração o interesse de grupos sociais distintos, cada qual com sua visão, valores, crenças, paradigmas, modo de viver e sentir o meio.

A concepção de meio ambiente abordada neste trabalho o considera como natureza, um lugar adequado para se viver, um bem a ser preservado, conservado, respeitado e apreciado. Neste sentido, foram ressaltados os aspectos socioculturais e os elementos históricos e tradicionais que compõe a biorregião de Alvorada do Norte e o rio Corrente.

No campo da percepção ambiental, é de suma importância que a relação ser humano-natureza seja fortalecida e instigada a uma proximidade, para então despertar nos indivíduos o sentimento de tofília, que vem acompanhado do pertencimento, gerando a ideia de conhecer para amar, amar para conservar.

Despertar o interesse do indivíduo para o meio ambiente é papel fundamental para sua própria sobrevivência, pois o cuidado com a natureza está intimamente ligado ao cuidado com o próprio homem. Na comunidade rural Três Rios, nota-se o sentimento de cuidado, responsabilidade e preocupação principalmente em relação aos visitantes. Um dos moradores diz que dá recomendações para que cada um visite com consciência e leve embora o lixo que produziu. São atitudes simples como essas que necessitam ser passada de geração a geração, para então influenciar e aumentar a sensibilização em cada ser humano.

A crise socioambiental que a região de Alvorada do Norte enfrenta já era sentida pelos moradores antes mesmo desta pesquisa tomar forma, e o principal indício de reconhecimento do problema foi quando os moradores citaram na entrevista que a água do rio Corrente está diminuindo e está poluída, e indicaram impactos decorrentes disso, como a redução dos peixes e a profundidade do rio que também diminuiu drasticamente. Além disso, podemos suspeitar que essas mudanças apontadas pelos ribeirinhos entrevistados já sejam indicadores resultantes dos impactos do fenômeno da mudança climática na região, pois esta normalmente sempre apresentou altas temperaturas.

Isso mostra que esses moradores possuem clareza dos problemas socioambientais e acompanham o processo de mudança em seu espaço natural.



No início da pesquisa, não era esperado que se cruzasse com problemas de conflitos pelo uso da água, mas essa foi a principal questão levantada principalmente pelos moradores rurais, pois as grandes lavouras foram implantadas na comunidade rural Três Rios por volta do ano de 2014, e de lá para cá mudou intensamente a vida desses habitantes. Mas graças ao afeto, ao sentimento de pertencimento e ao laço forte com a terra, é bem improvável que eles um dia deixem de amar esse lugar devido às mudanças que aconteceram.

Já em relação aos moradores da área urbana, foi notado o perigo do distanciamento do ser humano com a natureza, que gera perdas culturais e socioambientais, deixando o desenraizamento afetar essa população. Mas esse aspecto da perda do essencial se justifica pela falha de programas e projetos sociais para a região. Os entrevistados que residem na cidade reclamaram a falta de estudo e oportunidade de emprego, e alguns até disseram que, se tivessem a oportunidade, se mudariam em busca de melhoria de vida.

O biorregionalismo colabora com a percepção ambiental na medida em que busca formar sociedades ecológicas com princípios éticos, resgatando saberes populares, aliando-se à espiritualidade, expressões culturais, símbolos e elementos biorregionais, lendas e mitos e às memórias dos moradores.

Na região de Alvorada do Norte e do rio Corrente os traços biorregionais em sua maioria remetem a aspectos da natureza, com destaque para o relato do morador 4 (75 anos) que diz ter visto o Nego d'água por duas vezes quando era jovem. Ele relembrou ainda que era dia de São José, e que chovia fino. Relembrou até a roupa que usava em uma das vezes que se deparou com este ser das águas. A riqueza nos detalhes nos leva a imaginar tudo enquanto ele relatava o acontecido, e demonstra a sua percepção socioambiental, mesmo com a negação da existência deste ser por muitos.

A formulação das percepções e interpretações do ambiente para o indivíduo é baseada no sentimento de pertencimento, que é trabalhado desde quando a pessoa começa a se sentir parte do meio, e tende a aumentar de acordo com as experiências vividas. A compreensão da natureza acontece de acordo com o grau de afinidade entre ela e os habitantes locais, e pelo que ela representa para cada um.

Para os entrevistados da área urbana, a cidade de Alvorada do Norte e o rio Corrente, apesar de serem considerados importantes, podem ser classificados como um espaço, porque os moradores reconhecem seus limites geográficos, mas não é despertado nas pessoas o sentimento de pertencimento, não é dotado de valor afetivo. Por mais que alguns tenham

relembrado momentos vividos na infância, não conseguiram relacionar intimamente com seus valores pessoais.

A definição de lugar se apresenta quando os moradores descrevem o meio com um valor afetivo e emocional, que foi notado principalmente nas falas dos entrevistados da área rural. O contato com a terra para eles é muito mais íntimo, pois necessitam dela para trabalhar, plantar, criar seus animais, pescar. Percebe-se isso quando diziam *“isso aqui é maravilhoso”*, *“eu amo a minha região, não saio daqui não”*, entre tantas outras falas que valorizam a comunidade e o rio Corrente.

É fundamental perceber a visão dos moradores, para que a crise socioambiental instaurada na região seja refletida e negociada entre os diversos interesses políticos pelo uso dos bens naturais. Mas com o investimento pesado do agronegócio naquelas terras, já inclui outros atores nessa problemática, que são os investidores que em sua maioria não residem na cidade de Alvorada do Norte, sendo meros visitantes, não tendo então o sentimento topofílico necessário para a compreensão das dificuldades que o rio Corrente enfrenta e não se sensibilizando afetivamente com a situação.

A realização desta pesquisa demonstrou que, por mais que os dois grupos entrevistados – zona urbana e zona rural - vivam na mesma região, suas visões e valores se diferenciam, e sempre baseado nas experiências vividas, nos paradigmas, nas crenças, nas culturas e nas memórias. Mas em comum, eles têm a noção da crise ambiental que o rio Corrente enfrenta e a preocupação com o destino desse bem natural, que automaticamente, é o destino de todos que residem ali.

Portanto, entendendo a Gestão Ambiental como uma área do conhecimento que visa mediar as relações entre o ser humano e a natureza, é fundamental que ao desenvolver suas ações considere o imaginário e as percepções socioambientais da população envolvida.

Essa pesquisa contribui para pensarmos numa Gestão Ambiental que esteja mais próximo do mundo-vida e que não vá para o campo apenas com o propósito de ajustar àquela realidade às suas leis, teorias e modelos.

## Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, E. A; SILVA, L. O. **Percepção Ambiental e Sentimento de Pertencimento em Área de Proteção Ambiental Litorânea no Nordeste Brasileiro.** Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. E-ISSN 1517-1256, v. 33, n.1, p. 192-212, jan./abr. Universidade Federal do Rio Grande, 2016.
- BRASIL, Palácio do Planalto. Disponível em < [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br) > Acesso em 17 de junho de 2017, às 15h30min.
- CARNEIRO, P S; OLIVEIRA, S A; VIEIRA, M. **Implicações ambientais da obsolescência planejada e da propaganda do consumo.** Universidade de Brasília – Faculdade UnB Planaltina, FUP. Planaltina, 2016.
- CARVALHO, I C de M. **Uma história social das relações com a natureza.** Em: A Invenção Ecológica. Narrativas e Trajetórias da Educação Ambiental no Brasil. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS. 2001.
- COUSIN, C S. **Pertencimento ao lugar e a formação de educadores ambientais: um diálogo necessário.** VII Encontro Pesquisa em Educação Ambiental. São Paulo, 2013.
- FRANÇA, A V V. **Leituras e compreensões de Cerrado pela comunidade do assentamento de Rio Bonito, em Cavalcante, Goiás.** Planaltina – DF, 2014.
- GIL, A C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002
- GODOY, A S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** RAE – Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57 – 63, 1995.
- GONZÁLEZ, S. Programa de Pós Graduação em Educação. **Educação Ambiental regional: a comunidade aprendente na Ilha das Caieiras, Vitória – ES.** Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória – ES, 2006
- HOLANDA, F S R; SANTOS, L C G; FILHO, R N A; PEDROTTI, A; GOMES, L J; SANTOS, T O; CONCEIÇÃO, F G. **Percepção dos ribeirinhos sobre a erosão marginal e a retirada da mata ciliar do rio São Francisco no seu baixo curso.** Departamento de Geografia, Curitiba, 2011. p. 219-237
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em < [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) > Acesso em 22 de março de 2017, às 22h10min.
- KLINK, C A; MACHADO, R B. **A conservação do Cerrado Brasileiro.** Megadiversidade. Volume I. Nº I. Julho, Brasília, 2005.
- LIMA, O. R; ROSA, O. **Percepção e toponímia: relações e sentimentos sobre a paisagem da cidade de Catalão (GO).** II Simpósio de Estudos Urbanos. A dinâmica das cidades e a produção do espaço. Paraná, 2013

MACHADO, L M C P. 1996. Paisagem valorizada: a Serra do Mar como paisagem e como lugar. In: Del Rio, V. & Oliveira, L. (orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. EDUFSCar, São Carlos, p. 97-119.

MELAZO, G C. Olhares e trilhas. **Percepção Ambiental e Educação Ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano**. Ano VI. n. 6, p. 45 – 51. Uberlândia – Minas Gerais, 2005.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Agrário – Perfil Territorial. Disponível em < [www.mda.gov.br](http://www.mda.gov.br) > Acesso em 17 de junho de 2017, às 15h12min.

BRASIL Ministério do Meio Ambiente. Disponível em < [www.mma.gov.br](http://www.mma.gov.br) > Acesso em 18 de junho de 2017, às 17h25min.

NETO, B M. Programa Regional de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. **Topofilia, ecologia e imaginário: os Velhos Cariris da Paraíba**. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – Paraíba, 1999.

O Globo. Disponível em < [www.oglobo.globo.com](http://www.oglobo.globo.com) > Acesso em 24 de março de 2017, às 23h07min.

Organização das Nações Unidas. Disponível em < [www.onu.org.br](http://www.onu.org.br) > Acesso em 24 de março de 201, às 22h45min.

Prefeitura Municipal de Alvorada do Norte – Goiás. Disponível em < [www.alvoradadonorte.go.gov.br](http://www.alvoradadonorte.go.gov.br) > Acesso em 14 de setembro de 2016, às 21h39min.

SÁ, L M. Pertencimento. In: Brasil (DEA/MMA). **Encontros e caminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores**. Brasília, 2005.

SANTOS, K A. **Percepções socioambientais: um estudo da topofilia na Comunidade Queima Lençol – Fercal / DF**. Universidade de Brasília, 2016.

SATO, M. Biorregionalismo. In: Brasil (DEA/MMA). **Encontros e caminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores**. Brasília, 2005.

SATO, M. Programa de Pós Graduação em Ecologia e Recursos Naturais. **Educação para o ambiente amazônico**. Universidade Federal de São Carlos, 1997.

SILVA, C O. **Origens e fatores da evolução urbana do Nordeste Goiano-GO**. In: PEIXOTO, Elane Ribeiro; DERNTL, Maria Fernanda; PALAZZO, Pedro Paulo; TREVISAN, Ricardo (Orgs.) *Tempos e escalas da cidade e do urbanismo*: Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Brasília, DF: Universidade Brasília-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014. Disponível em: <<http://www.shcu2014.com.br/content/origens-e-fatores-da-evolucao-urbana-do-nordeste-goiano-go>>

SOUSA, A J. **Memória Histórica de Alvorada do Norte: 1960 – 2004**. Goiânia, 2005.

TAMAIIO, I. LAYRARGUES, P. **Quando o parque (ainda) não é nosso. Educação ambiental, pertencimento e participação social no Parque Sucupira, Planaltina (DF).** Espaço & Geografia, Vol.17, Nº 1, 145:182. ISSN: 1516-9375. Brasília, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar.** São Paulo: Difel, p. 01-22, 1983.

VIEIRA, E. **Intersecção Goiás-Bahia: Cultura popular no vale do Paranã.** 2.ed. Goiânia: Kelps, 2015.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1: MODELO DE AUTORIZAÇÃO

### CONSENTIMENTO DO/A PARTICIPANTE

Eu, \_\_\_\_\_, após a leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado/a. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido/a e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, **CONSINTO** minha participação neste projeto de pesquisa, a realização da entrevista para fins de estudo, publicação em livros, anais de congresso e/ou artigos científicos.

---

Assinatura do/a participante

Alvorada do Norte - Goiás \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017

## **ANEXO 2: MODELO DE CONVITE À PARTICIPAÇÃO**



**Faculdade UnB de Planaltina – FUP**

**Trabalho de conclusão de curso de bacharelado em Gestão Ambiental**

Eu, Sinara dos Anjos Oliveira, estudante de graduação do curso de Bacharelado em Gestão Ambiental da Universidade de Brasília - Faculdade UnB Planaltina, estou realizando a pesquisa sob a orientação do professor Irineu Tamaio. Esta pesquisa busca identificar, analisar e compreender a percepção socioambiental dos moradores que vivem próximos ao rio Corrente, na cidade de Alvorada do Norte - Goiás.

Para efetuar o estudo, será necessária a aplicação de uma entrevista com roteiro programado. Convido você a participar e contribuir com essa pesquisa e solicito sua autorização para usar os seus dados na construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Esclareço que a sua participação na pesquisa é voluntária. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e os dados obtidos serão mantidos em sigilo. O uso posterior desses dados será restrito ao estudo e divulgação científica. Para informações adicionais, entrar em contato:

Respeitosamente,

---

SINARA DOS ANJOS OLIVEIRA  
Aluna de Graduação do Curso de Gestão Ambiental  
e-mail: sinaraanjosfsa@gmail



### **ANEXO 3: ROTEIRO DE ENTREVISTA**



**Universidade de Brasília**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM GESTÃO AMBIENTAL**

**FACULDADE UNB – PLANALTINA (FUP)**

**SINARA DOS ANJOS OLIVEIRA**

**Tema: Percepção Socioambiental: O rio Corrente no imaginário de ribeirinhos,  
Alvorada Do Norte - Goiás**

**Orientador: Profº Doutor Irineu Tamaio**

**Roteiro de entrevista**

**Nome:**

**Idade:**

**Tempo em que reside próximo ao rio Corrente:**

- 1. O que o rio Corrente significa para você?**
- 2. Qual é o momento que você considera mais marcante (bom ou ruim, ou os dois) vivido no rio Corrente?**
- 3. Quais mudanças você percebeu que ocorreram no rio desde quando você era criança / conheceu o rio, até os dias de hoje?**
- 4. Existe alguma história ou lenda sobre o rio Corrente que você conheça?**
- 5. Você acha que existe algum problema com o rio atualmente? Se sim, quais?**
- 6. Em sua opinião, quais cuidados a população deveria ter com o rio?**
- 7. Se o rio Corrente deixasse de existir algum dia, faria diferença para você?**
- 8. Você tem algum sentimento em relação ao município de Alvorada do Norte?**
- 9. Como você caracteriza o município de Alvorada do Norte? (aspectos ambientais, sociais, econômicos, entre outros)**
- 10. Como você observa a paisagem que envolve o rio Corrente? Agradável ou desagradável? Por quê?**